

AUTORES & LIVROS

17/5/942
Ano 11

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 11
Número 16

NOTICIA SOBRE LUIZ DELFINO

Luiz Delfino dos Santos nasceu em Santa Catarina, na antiga Beberro, no dia 25 de Setembro de 1884. Era filho de Santos dos Santos e de D. Delfina Viçaria dos Santos. Seu nascimento ocorreu na rua Santa Augusta, conforme a seguinte poesia nos diz: em um dos seus mais belos sonetos: Na rua Augusta, em Santa Catarina — a cama em cima de uns manjões de pinho — eu nasci. No crêdo que tece a vida, de lá vem o nascer, a vida do Estado de Santa Catarina fez mais tarde gratificante aniversário: Nesta casa nasceu o Grande Poeta Luiz Delfino.

De pequena, cursou o Colégio de Santa, em D. S. e, em 1907, transferiu-se para o Colégio de Juncos, e aqui se matriculou no Colégio Vitória, onde entrou para a Faculdade de Medicina, onde em 1917 obteve o título de médico. Após doutorar, apresentou uma tese que sustentou em 24 de Novembro daquele ano, pois que tinha este comprimento: *Que regime será mais conveniente à criação dos animais da Santa Casa de Misericórdia, o comum dentro das casas ou o privado em casa particular?* Na primeira hipótese, o que mais convieria, sustentou-os com o leite das amas, ou com o leite da cabra, ovelha ou vaca? Pode atualmente em desses sistemas ser tão superior aos outros que os deve, excluir absolutamente? Na segunda hipótese, foi o erro da sua turma, tendo como presidente o Imperador D. Pedro II.

Doutorado, Luiz Delfino abriu consultório de médico, e exercia a profissão até ao fim da vida. Essa atividade, prejudicou, sem dúvida, a sua obra de poeta, reduzindo-lhe o tempo da sua obra literária, impedindo-o muitas vezes de polir os seus sonetos e os seus poemas, sempre cheios da mais ardente inspiração. Apaixonado pela poesia, entretanto, ele escreveu nos momentos que tinha livre, entre uma consulta e outra, no consultório de médico, no meio dos rumores de uma casa cheia de crianças, em seu lar, conta-se que até mesmo nos túbidos, no percurso das viagens que fazia para ir visitar os seus doentes... O fato é que foi Luiz Delfino o mais fecundo dos poetas brasileiros que até hoje existiram, e embora nunca tivesse publicado uma só coletânea de versos, deixou uma quantidade tal de sonetos e de poemas que parece o seu acervo alguma coisa de inesgotável.

Além da atividade profissional de médico, exerceu ele também a atividade política. Ainda na mocidade, tivera suas aspirações de ir para o Parlamento. Nesse sentido redigiu um manifesto ao eleitorado da província, e em tal manifesto fazia formosas promessas aos seus compatriotas:

Nascido nessa bela Província, que um grupo de diversas causas tem concorrido para conservá-la em atraso, eu envidaria os meus esforços para

dar-lhe todos os meios de prosperidade compatível com as forças e circunstâncias do país. Certamente não vos esqueceréis que um representante da nação não pode ter em vista a sua Província isoladamente, mas em relação às necessidades do Estado e aos interesses gerais do Império. — Era, de outra sorte, amesquinhar o vosso mandato e mentir à alta posição de legislador de um povo. Amo profundamente a liberdade: é ela a luz que deve guiar na senda do progresso a sociedade moderna. Ela promete tudo: dela se deve esperar tudo".

Seus sonhos políticos belamente se concretizaram, mais tarde, quando raiou no Brasil a República. Luiz Delfino foi então mandado como Senador à Constituinte.

Na imprensa carioca, manteve ele grande atividade, publicando sempre seus admiráveis versos, e não raro suas páginas de prosa, inflamadas de imagens coruscantes e de ardentes tropos.

Luiz Delfino foi considerado pelos seus contemporâneos, como um dos maiores poetas do Brasil de todos os tempos e nunca lhe faltaram os testemunhos dessa incondicional admiração. Um deles, por exemplo, lhe deu *A Semana*, a interessantíssima revista de Valentim Magalhães. Em 11 de Abril de 1885, aquela revista abriu um concurso, sob o título de *Questão Literária*, e essa questão consistia no seguinte: saber qual era o maior poeta brasileiro. No número seguinte, no apurador-se o primeiro resultado, já Luiz Delfino tem um voto... No outro número já *A Semana* publicava 35 respostas. Gonçalves Dias tinha 14 votos. Castro Alves tinha 10. Luiz Delfino 3. Estavam votados também — nos do que ele — Luiz Guimarães, Álvares de Azevedo, Varella, Gonzaga, Domingos de Magalhães e Pedro Luiz... E três meses depois está encerrado o concurso. Manteve-se a colocação que já se apresentara desde o segundo resultado do pleito: Gonçalves Dias ficou vitorioso, com 146 votos. Castro Alves, obteve o segundo lugar, com 108. Luiz Delfino o terceiro com 74. Vinham em seguida Casimiro de Abreu, com 46, Teófilo Dias com 14, Varella com 11, Azevedo com 10. Nesse curioso concurso, Alberto de Oliveira teve 2 votos, Gonzaga, Basílio da Gama, Laurindo Rabelo e Machado de Assis, um cada um... Raimundo Correia e Olavo Bilac, que já trabalhava na vinha das musas, não foram sequer vistos pelos votantes...

Vê-se desse concurso o grande apreço em que, pelo grupo das votantes da *Semana* era tido Luiz Delfino. Outra prova do grande apreço em que o tem os contemporâneos está na revista *Rosa Cruz*, aparecida em 1901. Era dirigida por Saturnino de Melo, e constituía o templo dos simbolistas brasileiros, criava que fora para cultivar a memória sagrada de Cruz e Souza. Ali não tinham quartel os poetas

que viessem de outras escolas, os velhos, os que não trouxeram sua mensagem nova, eram desdenhados e repellidos. Ali, entretanto, Luiz Delfino era ainda querido e venerado, e o primeiro número de *Rosa Cruz* já trazia um trabalho dele — a sua poesia *Inania Verba*.

Em 1896, ao fundar-se a Academia Brasileira, foi o nome de Luiz Delfino um dos primeiros apresentados para pertencer ao novo cenáculo. Era condecorado, porém, para ser-se acadêmico, ter-se livro publicado, e ele não o tinha. Por isso deixou de ser um dos fundadores da casa.

Luiz Delfino faleceu nesta cidade, em 31 de Janeiro de 1910.

BIBLIOGRAFIA DE LUIZ DELFINO

Em vida, o ilustre poeta só publicou, em forma de livro, os seguintes trabalhos, de que nos da conta Sacramento Blake:

— Que regime será mais conveniente à criação dos expostos da Santa Casa de Misericórdia, o comum dentro das hospícios ou o privado em casa particular? Na primeira hipótese, o que mais convieria, sustentou-os com o leite das amas, ou com o leite da cabra, ovelha ou vaca? Pode atualmente em desses sistemas ser tão superior aos outros, que os deve excluir absolutamente? Tese apresentada etc, e sustentada a 26 de Novembro de 1887. Rio de Janeiro, 1887, 142 páginas. No fim dessa tese se acha:

— Discurso pronunciado no ato de colação de grau dos doutorandos em 1887, em resposta ao do diretor da Faculdade de Medicina, perante SS. MM. Imperiais. Rio de Janeiro, 1887, 8 páginas, in 4.^o

— Ao Povo Catarinense. Rio de Janeiro, 1883, 11 páginas, in 4.^o

Sacramento Blake enumera os seguintes trabalhos dele, todos em versos, e constituindo, naturalmente, na opinião do bibliógrafo, as produções mais importantes do poeta:

— In Excelso. Poesia recitada pela menina Cândida Barata Ribeiro, no Teatro D. Pedro II, na noite de benefício para criação da Escola Superior de Farmácia do Instituto Farmacêutico. Rio de Janeiro, 1884.

— A Filha d'Africa. Canto. Rio, 1886.

— O Corrupto (poemeta). Na Revista Brasileira, tomo 9.^o

— Vingança. A Francisco Pedro da Cunha. (Poemeta). Revista Popular, Tomo 9.^o

— Fiat Libertas (13 de Maio). A Quintino Bocaiuva. No O País de 24 de Maio de 1888.

— Quinze de Novembro. O Brasil novo. A América. (Poemeta). No dito periódico, de 24 de Novembro de 1889.

Só ultimamente, o Sr. Tomaz Delfino, filho de Luiz Delfino, e zeloso guardião da bela glória paterna, começou a publicar em livros a extensíssima obra do extraordinário vulto de

(continua na 23)



LUIZ DELFINO

SUMÁRIO

PÁGINA 247:

- Notícia sobre Luiz Delfino.
- Bibliografia de Luiz Delfino.

PÁGINA 248:

- Sonetos de Luiz Delfino: O perfume de um lino, Nada que Vera, Ad Astra, Nada Puella, Contrariedade, Ouvindo-a, Natureza interrogada, O melhor cantinho, Ophelia, Entre a calma e a tempestade, Mulher triste, Farewell, Cadever de Virgem, Traquinas, Sunt amae rerum.

PÁGINA 249:

- Sonetos de Luiz Delfino: Escríno, A apanhadeira de conchas, Caspotas, Pela praia, Capricho de Sardanapalo, A pequena divina comédia, As Naus, Terror do Paraiso, Without Hope, Peleja inútil, Miragens, Mortura, A Esperança, Dolor, Entrada na Floresta.

PÁGINA 250:

- Sonetos de Luiz Delfino: Saudade, O apanhamento, Paqueta, Tal está morta... Febre, Abismos que se interrogam, Como um espírito, O boi, Orfeu, Cio, Jesus ao colo de Magdalena, Deus, Céus Ideais, Volo, O ritmo.

PÁGINA 251:

- Sonetos de Luiz Delfino: Sós, Espiando a voz dos Astros, Leite de Nôvois, Conhecimento universal, In her book, To honey, Andando para o infinito, Atlante, In domo, A perna, Horror da vida, Ida e volta, Stars nest, O oitar, Lastitia.

PÁGINA 252:

- Rosas Negras, de Manuel Bandeira (da Academia Brasileira).
- Um manifesto político de Luiz Delfino.
- Luiz Delfino na opinião de Ronald de Carvalho.

PÁGINA 253:

- Luiz Delfino na opinião de Osório Duque Estrada.
- In excelso (recitado por uma menina) poesia de Luiz Delfino.

PÁGINA 253:

- Luiz Delfino, de D. Milano.
- Vitor Hugo, de Luiz Delfino.

PÁGINA 255:

- Algumas poesias de Luiz Delfino: O verso alexandrino, To be or not to be, As três irmãs.

PÁGINA 256:

- Luiz Delfino, na opinião de Silvio Romero.
- Luiz Delfino, na opinião de Valentim Magalhães.
- Luiz Delfino (trechos de um estudo), de Gilberto Amado.

PÁGINA 257:

- A sombra da sua mão, de Luiz Delfino.
- Luiz Delfino, na apreciação de Agripino Grieco.
- Apreciações sobre Luiz Delfino, de Clóvis Bevilacqua, Alberto Faria e Silva Ramos.

PÁGINA 258:

- Solemnia Verba, poesia de Luiz Delfino.

PÁGINA 259:

- Luiz Delfino, na apreciação de José Verissimo.
- Luiz Delfino, na apreciação de João Ribeiro.
- Exageração, de Luiz Delfino.
- Luiz Delfino, na apreciação de Luiz Mural.

PÁGINA 260:

- Luiz Delfino, na apreciação de Alberto de Oliveira.
- Um conceito de Medeiros e Albuquerque sobre Luiz Delfino.
- A Luiz Delfino, soneto de Raimundo Corrêa.
- Recordo ao Afonso Arinos, de Osvaldo Giffoni.
- A origem brasileira, de Tomaz Man, de Ernesto Feder.
- Um comensal dos deuses, de Mucio Leão.

PÁGINA 260:

- Crônica Literária, de João Alphonsus.
- Novo conto de Malazaris, de Jorge de Lima.
- Verdadeiro Conflito, de Aires da Mata Machado Filho.
- Uma opinião sobre Luiz Delfino, Nestor Victor.

PÁGINA 262:

- Primeira separação da amizade, soneto de Vinícius de Moraes, com ilustração de Osvaldo Goeldi.



ANTOLOGIA DE SONETOS

O PERFUME DE UM HINO

Se alguém me vir pereneamente moço,
Ou como um deus de Hesíodo ou de Homero,
Alta a cabeça, o olhar radiante e fero,
E que eu em toda parte a vejo, e a ouço;

Que em vê-la e ouvi-la, eu sinto-me um colosso,
Pois tenho nela tudo quanto quero;
Nem temo a inveja a uivar, como um mar grosso,
Dizer que minto, que não sou sincero.

Nela eu vejo a mais nova irmã da Aurora,
Ela em mim o irmão gêmeo da Harmonia;
Não precisamos de mais nada agora.

Nossos filhos, o Sonho, o outro a Alegria,
Como eu os amo, a mãe como os adora!
E ambos são para nós a luz do dia...

(Algas e Mungos)

NUDA QUE VERA

Por que?... Bem vejo o rosto, o esmero, o fino
Com que no escrínio luxuoso fechoas,
Ora a nuvem das rútilas madeiras,
Ora do corpo o mármore divino.

Cinzeiro, lavro, junto, ato, combino
Frase e frase, e engrinaldo-te de endelhas:
Como és formosa assim!... Mas imagino
Abismos, céus... os céus que ver não deixas.

Oh! nua!... nua! é que te quero!... nua...
Igual à rosa, ao lírio, a estrela, a lua,
No brilho astral dos monólitos nus!

Em rico estofa um corpo não escondas,
Onde por linhas idiais, redondas,
Cantam os sois a Iliada da luz.

(Algas e Mungos)

AD ASTRA

— Tu pódica, tu proba
Perambulabie astra sidus aurum

Horacio

Estes andes são via, são pó: — deixá-los
Vem tu comigo acima, alma divina;
Era demais, deusa do bem, odiá-los;
Tu, a quem só o amor do bem domina,

Vem. — Eu já lancei os rápidos cavalos
Pelo meio da estrada cristalina,
E em cada sol, que ao ver-me a fronte inclina,
Tens o meu povo doito, e os teus vassalos.

A cada beijo, hemos de ouvir cantando
Os deuses logo, as deusas logo, em bando,
Cada um de nós em rútila curul.

Lá tu serás a minha loura Circe
Dentro em meu colo a rir-se, a rir-se, a rir-se,
Como uma estrela na lagoa azul.

(Algas e Mungos)

NUDA PUELLA

Soltas de leve as roupas, uma e uma
Caem-lhe: assim a camélia se desfolha;
E quando nágua o belo corpo molha,
A água soluça, e o enleia, e geme, e espumia.

Logo que ela no banho, que perfuma,
Como ao luar um cacto, desabrinha,
Envolve-a o céu radiante, e a luz em suma
Põe-lhe o véu doiro em cima, e a afaga, e a olha.

Ao sair, molemente em ondas frouxas
A nuca, a espádua, as nadegas, as coxas
Vão rolando os cabelos abundantes:

Cobrem-lhe um pouco o rosto, o seio, o flanco...
E ri-la, bem como a sombra um lírio branco,
No orgulho astral das deusas deslumbrantes!...

(Algas e Mungos)

CONTRARIEDADE

Pois sai do banho agora? Então vim cedo.
Crê bem inopinada esta visita!...
Encontrá-la com menos uma fita,
Na rosa d'ontem ler-lhe algum segredo...

Julga vossa excelência infame e tredo...
Mas... vê?... nesse abandono é mais bonita:
Deu-lhe um toque de deusa que tem medo;
E animou-lhe o terror com que me fita.

Por que de longe aquele espelho sonda,
E cora, e empalidece, e enfim se enleia,
Buscando uma asa, um rão, em que se esconda?

Como se acaso alguém achasse feia
A pérola arrancada, há pouco, à onda,
Inda molhada, inda atirada à areia!...

(Algas e Mungos)

OUVINDO-A

Tu movendo a cabeça, a boca, o braço,
Como a vidente de um antigo rito,
Dizes que mundos luminosos faço...
E então nos olhos teus meus olhos fito.

Do pasmo, com que em ti me prendo e enlaço,
Zombas com gesto irônico, exultoso,
E sinto que por ti me fuge o espaço,
E rejão soas, e cava-se o infinito.

E enquanto arranhas essa melopéia,
Enfiando uma idéia noutra idéia,
Enquanto esses castelos doiro arrumias,

Eu vou boiando em tua voz sonora,
Como nau, pano ao vento, azues em fora,
Entre as flores de prata das espumas.

(Algas e Mungos)

NATUREZA INTERROGADA

Rosas, jasmims, bons dias; acucenas,
Pentas e soes; rir, minhas felicidades!
Rolai, brincai, voçai... mas vede... anseiras
Em cima delas, não, gentis falenas.

Alegres todas, rancho de pequenas!...
Margaridas, corimbos das balceiras,
Grotula do bosque, relva das clareiras,
Luz perfumada das manhãs serenas,

Sombra doce do tremulo arvoredo,
Rio a cantar as costas do fraguado,
Veiga e céu, ninhos, pássaros, rosais...

Rosaia, pássaros, ninhos, céus e veiga,
Fede-me bons, falai: quando ela chega,
Que faz ela? que diz?... que diz? que faz?

(Algas e Mungos)

O MELHOR CANTINHO

Boiava como em ondas de perfume,
Movendo os braços nus e os pés pequenos;
E a voz sutil de perfidos venenos
Vinha do quadro, que envolvia e nune.

No grande leito a alcova se resume,
E era a concha em que andava aquela Venus;
As sedas por ali cantavam trenos
Tão meigos como o arrullo de um queixume.

O trémulo fulgir do branco linho,
A renda que alfiava o travesseiro,
O cortinado um pouco em desalinho;

A cama, o espelho amplíssimo fronteiro...
E ela dentro, tornava aquele ninho
O cantinho melhor do mundo inteiro...

(Algas e Mungos)

OPHELIA

E' duma palidez que deslumbra e fascina:
Tem nos olhos clareiras da chama que arde, enquanto
Rue, no ocidente aceso, a última Alhambra em ruína;
Se canta, os rouxinóis calam-se ao ouvir seu canto.

Sai do centro de um lírio; anda à roda, à surdina,
De olor suave embalando-a; arrasta, impondo es-
panto,
Traços de luz nos pés, restos de soes no pranto;
E o céu é um vasto nimbo azul, que ela ilumina.

Enlouqueceu? Que ser estranho a leva e a enleia?
Não é mais leve nágua e mais bela a areia?
Quem é? Quem vai como ela em tão longo noivado?

Ophelia, és tu, ideal do amor, que eternamente,
Solto o auroral cabelo, e as hervas enrolado,
Vemos fugir, cantando, a fio da corrente.

(Algas e Mungos)

ENTRE A CALMA E A TEMPESTADE

Por que me destes olhos, para vê-la,
E me destes ouvidos, para ouvi-la,
Deuses, se junto a mim não posso tê-la
Se não posso de longe enfim segui-la?

Sem ela a vida fora-me tranqüila,
Mas em meu céu lançada aquela estrela,
Que tão meiga e suave em mim cintila,
Não pude mais, não quis d'então perdê-la.

Acho melhor a inquietação que sinto
Dentro de mim, que meu sossego extinto:
Faz-me bem, há delícias inda em tal dor;

Sofrer por ela a todo instante, é gozo;
Prefiro a luta a intermínio repouso;
Prefiro à eterna paz o eterno amor.

(Algas e Mungos)

MULHER TRISTE

Quando ela passa como um sol ou lua,
Rasgando o fundo azul ao firmamento,
Sinto em torno de mim o irradiamento
De alguma coisa leve que flutua...

Um leve estremecer de carne nua...
Um ruído de vida solenito...
Um barulho de rosas... e o conteúdo
Dos lírios brancos pela espádua sua.

E o ambiente de aroma em que ela nadou??
E a nebla azul na palpebra pousada
A espremer-lhe no olhar clarões de aurora!?

Mas tudo, tudo, imerso em funda magua...
Parece, como a estrela dentro d'água,
Que é dentro de uma lágrima que mora...

(Algas e Mungos)

FAREWELL

E' noite. — Pela curva azul celeste
Fervem astros no enorme firmamento:
Coração, alma, e sangue, e pensamento
O pelago do céu profundo investe.

O' soes, quem essas clâmides vos veste?
O' nebulosas, quem vos roja ao vento?
O' abismo pesado e solenito,
Quem te abriu? ou tu mesmo te fizeste?...

Ilhas doiro, serenas, luzidias,
Que alvo procura o vosso eterno adejo?
Para quem são as vossas harmonias?

Sois belas... sois... Mas até logo... Vejo
Que falta às vossas músicas sombrias
O murmúrio do seu casto beijo.

(Algas e Mungos)

CADAVÉR DE VIRGEM

Estava no caixão como num leito,
Pálidamente fria e adormecida;
As mãos cruzadas sobre o casto peito,
E em cada olhar sem luz um sol sem vida.

Pés atados com fita em nó perfeito,
De roupas alvas de setim vestida,
O torso duro, rígido, direito,
A face calma, lânguida, abatida...

O diadema das virgens sobre a testa,
Níveo lírio entre as mãos, toda enfeitada,
Mas como noiva que cansou da festa...

Por seis cavalos brancos arrancada,
Onde vais tu dormir a longa sesta
Na mole cama em que te vi deitada?

(Algas e Mungos)

TRAQUINAS

Com vestido de branca musselina,
A farda trança negra derreada,
Sem uma jóia, ou brinco, ou flor, sem nada,
Era de uma riqueza peregrina.

Tinha a idade da aurora essa menina,
Magra e forte, serena e descuidada;
Cada pé numa concha nacarada...
Greras, ao vê-la debil e franzina.

Na fronte riam desmaiadas cores;
Dava de um anjo a timida lembrança...
Das asas dela ouviam-se rumores.

Como uma borboleta que não cansa,
Tornava a casta num vergel de flores...
Lembrava ainda a virginal criança.

(Algas e Mungos)

SUNT ANIMAE RERUM

Estrelas, que loucura e garridice
As vossas dansas esta noite tem?!...
E quem, há muito tempo, se não risse,
Vendo-vos rir, deitara a rir também.

Arrolos desgrehados de doudice,
Por entre seixos, que buscalis alem?
Beijam-se os velhos troncos!... E há quem vingue
Premendo um lírio ao pé de uma cecem!...

A noite é um ninho; o amor uma doçura;
E quando a brisa pelo azul murmura,
Soluça o bosque... e há bellos pelo val!...

Deuses e deusas turbulentamente
Passam a rir no laranjal florentino...
Ou chora... ouvis?... ou chora o laranjal?...

(Algas e Mungos)



DE LUIZ DELFINO

ESCRINIO

Em pedras pérolas perfeitas,
Que ainda dormem nos mares do Oriente,
E diamantes de esplêndidas facetas
A luz das águas do Brasil ardente.

Vejado eróico, deslumbrante, quente,
Cheio d'alma odorosa das violetas;
Duma pupilo, e as rútilas palhetas
De ardor raro, grande, onipotente...

Cinzel de fadas, tinta de Murillo
Para uma jóia lúida e sonora,
Para um escrínio de divino estilo,
Onde a gloriassse, onde, entre panno e assombro,
Ninguém a visse um dia por de fora.
A luz que eu lhe conheço em cada ombro.

(Algas e Musgos)

A APANHADORA DE CONCHAS

Fantasma explosivo de oiros e pedrarias!
Rendilhadas Kremlin em chama... O sol declina...
Soprando torto buzio, limpa o vento, e na fina
Aveia arrasta a dança as nereidas bravias.

Recontam-se num fundo azul as serranias,
E os muros aquecem arfiam, e os ilumina
Estendendo-se ao ar, a tarde purpúria,
Na escura das igneas oleográfias.

Pobre mulher na praia, acaso, neste instante,
Culhando conchas, só, — ouvindo a cantilena
Das ondas com um sorriso agarrado ao semblante.

Como a tija ao selo, alvar, vil, mesquinha, pequena,
Pela mão estendendo a sombra de um gigante
Dava um toque de vida humana à vasta cena.

(Algas e Musgos)

GAIVOTAS

Do ceppo mar azul brancas gaivotas
Voadoras de leite e neve o céu manchando,
E nas pirâmides às regiões remotas
As asas em silêncio, à tarde, e em bando.

Dormem se perdem pelo espaço ignotas,
O mudo das estrelas procurando:
Cerra os olhos, com teu dedo notas
Que elas vem outra vez o azul furando.

Uma nuvem branca dorme,
Uma coroa em cima, outra mais baixo...
E passa o abismo do oceano enorme...

Cala-se, como já queimado facho...
Do lado oposto capta a noite informe...
Tu me perguntas se isto é belo?... e eu acho...

(Algas e Musgos)

PELA PRAIA

Vão anda depressa... Deixa-os. — Dá-me o braço;
Vem das sombras do monte, em roda, o escuro;
Há muita tarde; o medo é prematuro;
Não temas vá, mais devagar o passo.

Mais devagar... assim. Esse cansaço
Cucha-se, haurindo lentamente ar puro;
Não reações: teu corpo ao meu seguro,
Envolvido, é mais leve, encurta o espaço.

Olha as tuas pés; levanta um pouco a sala,
Que ela beija o mar, os quer, e afaga;
Cala a noite? — Que tem que a noite cala?

Com que delicas o terror nos paga,
Quando vamos tão bem a sós na praia,
Ouvindo a flauta ao vento, e o buzio à vaga f...

(Algas e Musgos)

CAPRICHOS DE SARDANAPALO

"Não dormi toda a noite! A vida exalta
Numa agonia indômita e cruel!
Esquece-te, o Radamés, o meu vassallo!
Parece agora amigo meu fiel..."

Deixa o leito de sândalo... A cavalo!
Falta-me alguém no meu real doce!...
Ouros, sacramento, o rei Sardanapalo?
Rugido o espaço? E' ráio o meu corcel?

Não quero que igual noite hoje em mim caia...
Vai, Radamés, remonta-te ao Himalaia,
Ao sol, à lua... vos, Radamés,

Que, enquanto a branca Assíria aos meus pés acha
Quero dormir também, feliz, debaixo
Das duas curvas dos seus brancos pés!...

(Algas e Musgos)

A PEQUENA DIVINA COMEDIA

Belo dia de campo!... A noite inteira
Choveu: o fio d'água da torrente
Aumenta, engrossa; a ponte de madeira
Resiste mal à cheia recrescente.

Vem, rio abaixo, ilhota florescente,
E leix num galho um ninho, de maneira
Que parece afundar-se, tão à beira
Val da vaga ululante, hirta, imminente.

O ninho tem três pássaros arfando,
De olhos grandes, cerrados, nós, sem penas...
Da borda em cima a triste mãe piando,

Voa mais alto, e volta, e louca apenas
Busca salvar o grupo miserando
Nas pobres asas, húmidas, pequenas...

(Algas e Musgos)

AS NAUS

Sobre as asas pairando, as naus entram, na lenta
Marcha de aves do mar, que chegam fatigadas:
E, enquanto aos pés em flor uma vaga rebenta,
Outras cantam solas, rindo em torno grupadas.

Parecem catedrais marmóreas, torreadas,
Fugindo de um velho mundo, e fugindo a tormenta,
Que entre nichos de pedra, e agulhas lanceoladas,
Rolam pesadamente a mole corpulenta.

Dromedários do mar — intermínio Saara —
O' naus, vós afrontais os ciclones, o grito
Negro, que sai do abismo, e urações, cara a cara:

Sóis mais que esses trofeus lendários de granito,
No seu panejamento enorme de Carrara...
Vós, cuja base é o oceano e a cúpula o infinito.

(Algas e Musgos)

TERROR DO PARAISO

Eu que tenho vulcões jorrando fogo e lava,
Eu, que os ouço bramar, e lacerar-se em chama:
E em que trança brutal de um céu feroz derrama
Pulsais doiro e de luz, que nos meus seios crava!

Eu, que ouço o temporal, que hórridas pugnas trava,
Que rugir, uirula, raiva, estolira, morde, brama,
Sendo minhalma o palco em que se move o drama
Colossal, como em bronze Esquilo os moldurava...

Que ouço em meu sangue ruir os sopros da procela,
Só em vê-la, a sonhar, somente em pensar nela,
Quando a vejo em nudez iluminada, a sós.

Quando o meu coração ao seu conchego, absorto
Empalideço, tremo, e calo, como um morto
Hirto, frio, sem ar, sem luz, sem cor, sem voz...

(Algas e Musgos)

WITHOUT HOPE

Não te perdoo o mal que me fizeste,
O' Deus, porque me sinto humilde escravo,
Mesmo se insulto os soes, se a pugna travo
Com o vasto espaço, onde os teus soes puzeste.

Que ouço em meu sangue ruir os sopros da procela,
Por que gente e espuma este mar bravo
De amor, que tudo assoma, inunda, investe,
Em que meu corpo, irado, ou mancho ou lava?

Eu que desejo ou quero com certeza?
Para que ponto arrasta-me a corrente,
Que ora sigo, ora fujo, e volto, e, presa,

Leva-me enfim irresistivelmente,
De queda em queda, afilto e sem defesa,
Vencido eterno, eterno descontente?...

(Algas e Musgos)

PELEJA INUTIL

Quando às vezes procuro um nome que resuma
O que sou? por que sou? por onde vamos indo?...
Se penso, não encontro o belo em coisa alguma:
Se não penso, acho mais ou menos tudo lindo...

Um som prende outro som, cobre a espuma outra
[espuma]
De um grande sonho, como um vasto mar infundo;
Se irrequieto o abandono, e outro caminho cindo,
E' tudo arnelro, estepe, ou rocha, ou vento, ou bruma.

Por mais que eu clame a um deus, um deus qualquer
[que seja],
Para mudar da aranha o esqualido organismo,
Que baba os fios doiro em que o universo arqueja,

Nada: e torno a chamar: ninguém: — indago,
[clamo]...
E largo de cansado a estúpida pedreira,
Tendo a um lado o mistério e do outro lado o abismo...

(Algas e Musgos)

MIRAGENS

Eu caminhava... Enchia o campo olente aragem:
Como uma rosa enorme, há pouco, o sol nascera;
E num vasto rumor de aurifera poeira
Erguia-se outro sol do fundo da paisagem.

A luz, que tem na loira aurora o loiro pagem,
Que faz brotar a flor dos olhos da caveira,
Que crava no deserto intermínio a miragem,
E ante a qual abre o céu, como o leque a palmeira,

De longe, aureolar um santo parecia!
Quando perto cheguei, a última agonia
Vi de um cão; pobre galo esgravatava o cisco

Por entre vidros, terra, e algumas pedras toacas;
Fervilhava por cima um turbilhão de moscas...
E era nisto que a luz puzera o augusto disco!...

(Algas e Musgos)

MORITURA

E' tarde, e sopra a viração tão forte!
Vossa excelência expõe-se a algum sereno?
Aien, disto, está húmido o terreno,
E traz, diz o anêxim, desculpa à morte.

— Obrigada, senhor; mas não se importe:
Talvez cure um veneno outro veneno.
Eu sou como o evaído som de um treno
Que, muito antes do fim, o leva o norte.

Acabando, tomou-a a tosse rouca,
Levou ligeiramente o lenço à boca
E manchado o tirou de um sangue rubro.

Riu-se e tornou: — Não viu a boa nova?
Olhe, já nuço a enxada abrir-me a cova,
E entre as lievas da morte o sol descobro.

(Rosa Negra)

A ESPERANÇA

Quanta fadiga custa-nos a vida!
Vivemos entre tumultos; vivemos
Num largo mar, em barca ao som de remos
Fechando e abrindo o leque na corrida.

A onda é mansa, a onda é desabrida,
E incerta a praia branca, onde aportemos:
Mas... a que vamos? mas... o que queremos?
Nós chama ao longo alguma voz querida?

Vem talvez lá dos pináculos do monte,
Onde canta a visão de loura trança?
E' vapor... voa... foge do horizonte.

Quem olha ao largo outra visão alcança-
Visão formosa!... chega-se de fronte...
E' nuvem... nuvem... nuvem da esperança...

(Rosa Negra)

DOLOR

Nas manhãs largas de Janeiro passo
As vezes triste pelo campo em fora:
Por que há mais brilho no esplendor da aurora?
Por que cantam mais pássaros no espaço?

Ela ao meu lado, então lhe aperto o braço:
E agora inquieto e mais trado agora,
Sinto que um fogo interno me devora,
E ouço um rir de ironia a cada passo.

Fala-lhe o lírio, as mãos beija-lhe a rosa;
O sol a envolve, e eu sei que é de justiça,
Nada grande arcaria luminosa

E vendo a luz... a própria luz submissa,
Ela da magua dos meus seios gosa,
E eu sofro a dor de tudo que a cobija.

(Rosa Negra)

ENTRADA NA FLORESTA

Há uma nódoa branca na verdura:
Um novo aroma bom a selva exhalava:
Troncos, de pé!... Quem vai, quem vai busca-la?
Honra-vos, bosque, a sua formosura!

Ei-la aí. — Esta mata ou trema ou fala:
Tem cada galho um êxtasi; temura
A sombra: o sol ebría-se a fitá-la,
Num voluptuoso espasmo de ventura.

Traçam-lhe um ninho os pássaros; de esgueirha
Olha-a um fauno; enche-a a luz de pedrarias;
O ar a oscula, a aquece, a faz vermelha.

Metem-se em lichens doto as pedrarias:
Para ouvi-la, o grotão lhe estende a orelha;
Cantam, para embala-la, as ramarias

(Rosa Negra)

ANTOLOGIA DE SONETOS

SAUDADE

Do Desterro

Iha genti! do Sul, filha misteriosa
De uma verde Amfitrite e voluptuoso poeta,
Que anipla saudade morde aqui minha alma inquieta.
Terra, em que o sol à frente abre como uma rosa.

Dera-me um deus beija-la, — assim como a quetxosa
Onda, em que anda a estuar uma paixão secreta,
A oscula e agarra, e põe-lhe em curva graciosa
O anel doiro e esmeralda ao cinto, que a completa.

Mãe, trouxeste ao nascer os ombros nus de Venus,
E a concha onde só cabem teus dois pés pequenos;
Quando teu filho, em longo exílio abandonado,
Deusa, ninguém lembrar que foi teu filho, ainda
Terás dos Imortais a juventude infinda,
E o vasto amor do Oceano hirto, e jamais saciado...

(Rosa Negras)

O ACOMPANHAMENTO

Ao levarem-me enfim... pelos caminhos
Das cercas hão-de os rostos ter de fora
Os lírios, cor dos lívidos arminhos,
As rosas, cor das faces de quem chora.

As cabecinhas erguerão dos ninhos,
Por ver-me, lida de longe, ir indo embora,
A multidão de implumes passarinhos,
E os que enchem d'asas e dão voz à aurora.

Em luxuoso e rutilo cortejo,
Da luz os raios doiro irão lançando
Em minha frente, ermo acrotério, um beijo

Hão de as coisas deitar-me o olhar mais brando,
E em todos há de haver um só desejo:
Ouvir-me lida uma vez cantar: — Mas quando?!

(Rosa Negras)

PAQUITA

Esta, que aí vês, de face desmaiada,
Que inda está quente, que morreu agora,
Por quem a pobre mãe soluça e chora
E chora o pai, e que inda está deitada

Na mesma cama, em que sofreu, coitada!
A febre grande, a febre, que devora,
E vai sair por essa porta a fora,
De anjo, como foi sempre, amortalhada:

Tinha no olhar profundo uma infinita
Recordação do céu, a que voltava:
Foi sempre meiga, como foi bonita...

Ontem ria... eu a vi, quando chegava...
O doce nome dela era Paquita...
E a casa toda, em lágrimas, gritava...

(Rosa Negras)

TAL ESTA' MORTA...

Abriu a boca, e a rúvida golfada,
Que do seu peito exaustivo então rompia
Desmanchava-se em rosas da alvorada
De um sol cor do lençol, que a cobriria,

Opbella aflita sob a vaga fria,
Quebrando a nota da canção cantada;
Desdemona no leito, amante e amada,
Idas? por que? tão de repente um dia...

Dante e Beatriz, Romeu e Julieta,
Laura e Petrarca, Sanzio e Fornarina,
A corte no céu, do amor eleita,

Guardam-na às portas da mansão divina,
Enquanto um anjo as asas brancas deita
De manso ao rosto, que ela ao colo inclina.

(Rosa Negras)

FEBRE

Quando a vejo passar, taça límpida e cheia,
Que nenhum lábio humano até hoje tocou,
Sinto que febre intensa a minha alma incendia,
E ardo por lhe tomar, no delírio em que estou.

E ela passa por mim do meu mal tão alheia,
Sem saber da emoção que um louco atrás deixou;
E quero acoetá-la, e sinto uma cadeia,
Que em meu leito de angústia em voltas me cerrou

Eu tenho fome, vem, fruto do paraíso;
Eu tenho sede, em vão grito: formosa, vem;
Virá contigo, eu juro, o perdido juízo.

Do elato, que o aroma impoluto contém,
Quero beber o céu, a sombra do teu riso,
E Eden novo e melhor ter eu pele também!

(Rosa Negras)

ABISMOS QUE SE IN- TERROGAM

Vaga após outra vaga; e o seu olhar as via,
Como uma seda azul, que o vento amarratasse,
Ir indo longe, e ao largo, em torno à serrania;
E aquela névoa toda andava-lhe na face.

Como um abismo, que outro abismo interrogasse,
Sempre que a um tufão novo o pelago rugia,
Via-lhe ao tumultuar, que morre, e que renasce,
Buscar a causa dessa inquietação sombria.

Noite arrastando um luar, como um amplo sudário
Errante nem no oceano, acabava o cenário,
De que ela ia saindo, ou parecia entrar.

Eu atrás, quase ao pé, mais tristonho que sério,
Cria d'ambos — talvez — compreender o mistério:
E o mistério maior, não... não era o do mar.

(Rosa Negras)

COMO UM ESPIRITO

Batem?... Quem bate de mansinho à porta?
E' talvez um velhíssimo tormento!
Por qualquer coisa pode entrar o vento,
E ouço que ele lá fora o espaço corta.

E é de leão ferido o seu lamento!...
Mas... a mim seu gemido, a mim que importa?
Batem contudo, e perto do aposento:
Abro o meu quarto, e ela me surge... a morte!...

Como é formosa em seu falar ainda!
Palpo-a: como está fria!... a envolve: indago,
Digo: — Deita-te aqui; — se tu bem vinda. —

E' ela isto só!... um ser aéreo e vago!
Quero aquecer-lhe o corpo, e a visão linda
Foge mais uma vez, enquanto a afago...

(Rosa Negras)

O BOI

Não espantara o Olimpo inda a temeridade
De Prometeu: a vida era um problema escuro;
Alcides não domara a Hidra, e a enormidade
Do Centauro; ladrava o oceano ao palmeiro.

Robusto como o leão, não tão nobre, é verdade,
O boi de nossos pais já suportava o duro,
Áspero jugo — bom, calmo, na austeridade
De quem carrega o tempo e as menses do futuro.

Amo-o porisso: e quando ele ergue o corpulento
Torso pela mudez glauca do vale, e afina
O quadro o sol no oco — água ferida em lento

Rolar, descer, cair — então parece a ruína
De enorme construção, velusto monumento,
Do qual resta uma torre em pé, sobre a campina.

(Rosa Negras)

ORFEU

Há clamor nos rosais, há dança na montanha.
Valsa o arvoredo, rola em torno Pan, cintila
Enroscando-se o rio; o leão tem na pupila
Serpentes doiro, o tigre uma fogueira estranha.

Crece o delírio, sobe à esfera, e os nubes ganha;
Entra o furor na turba há pouco inda tranqüila
Dos planetas; e tudo anda em roda; vacila.
Precipita-se o Olimpo, e o ébrio ritmo acompanha.

Sobre as vagas do mar, por vez primeira quedas,
Netuno ergue a cabeça e o grupo das Nereidas,
Boreas, filho da Aurora, as asas suspendeu.

Jove, os raios brandindo, os quer conter: aos brados
Surdos, deuses e nós, em turbilhões levados,
Passam. — No Ato, de pé, cantava à lira Orfeu.

(Rosa Negras)

CIO

Não ouças, não, o soluçar do cheiro
Dos lírios brancos, dos rosais florentes...
Que te não fale ao ouvido o jasmimero...
No vale Pan e os Batiros não sentes?...

Olha. E' cada perfume um mensageiro,
Que te enlaga nas asas transparentes:
Cantam teu nome os troncos e as correntes,
Dansando aos sons de um colossal pandeiro!...

Com junquelhos gentis prende-te os pulsos
Bros, morde-te estranho calafrio,
Antes carícia, o flanco, e aos seus impulsos

Verás irada a natureza em cio,
E os deuses desganhados e convulsos
Beijando em choro as Maladas do rio!...

(Rosa Negras)

JESUS AO COLO DE MAGDALENA

A Guilherme Bethencourt

Jesus expira, o humilde e grande obreiro!
Sobem já, pela cruz acima, escadas;
E nos cravos varados do madeiro
Batem os malhos, cruzam-se as pancadas.

Ouve-se o choro em torno. — As mãos primeiras,
Inertes, caem no ar dependuradas;
A fronte oscila; arqueia o tronco inteiro
Nos braços das mulheres desganhadas.

Soltam-se os pés. — Aumenta o pranto e a queixa
Só Magdalena ao oiro da madeixa
Limpa-lhe a face, que de manso inclina.

E no meio da lágrima mais linda,
Cum o dedo erguendo a pálebra divina,
Busca ver se Ele a vê... beijando-o ainda!...

(Rosa Negras)

DEUS

Of Heaven, and from eternal splendour flung
For his revolt...

Milton — Paradise Lost

Deus existe? — ou é Deus somente um nome vão?
E bato às portas d'ouro e de opala da aurora,
Donde o sol — velho leão — noite e estrelas avora:
E às estrelas da noite em louco turbilhão.

Ao mar, ao vento, ao ralo, ao tempo, ao abismo em
flora,
Ao arguello, e à montanha, às lavas, e ao vulcão,
Ao passado, ao porvir, ao berço, à cova... Eu-
lhora!

Cala-se a natureza ou me responde: — Não
Subo à minha alma então: chamo-a, interrogo-a...
(Nada...)

E ela fica a oscilar, no abismo pendurada.
Vendo o espaço afundar-se em outro espaço sem
fim...

Só entre o torvelim dos caos em labirinto,
Como com seu bordão na areia um cego, — o sustento
Sobre a poeira dos sóis grava um trêmulo — Sim.

(Rosa Negras)

CEUS IDEAIS

Porisso vou às vezes ideando
Alcova quente, e leito de frouxel,
Jarras com flores cheiros exalando,
Taças doiro a beirar de leite e mel...

Uma casinha, como pomba, olhando
A luz do sol, num canto do vergel,
O teu sorriso tudo iluminando,
E à aba de um lago o lírio de um balnei.

A lua à noite docemente vindo
Beijar as luas do teu rosto lindo,
A brisa a arfar em morna placidez:

E tu delitada, e a rir, entre os meus braços,
Lendo nas letras doiro dos espaços
As histórias de amor, que amor lá fez...

(Imortalidade)

VOLO

Quisera ter um gênio às ordens minhas:
Rei, eu beijara as tuas tranças feitas
Doiro tecido para as bandeletas
Do estema da rainha das rainhas:

Ar, eu dera-te luz, e força, e alento,
Como o que enche o teu seio, e o eleva, e aboixa,
Que entra em teu sangue, e é já teu sangue, e acha
Que é tu mesma, ou de ti ideal fragmento.

Perfumes, ser perfumes não soubestes
Como esse aroma bom, de amor composto
Que tem os seus dois cielos celestes:

Boca, eu fora o teu riso, a cor, o gosto:
Helena, eu fora a túnica, que vestes,
A água, em que lavas teu divino rosto...

(Imortalidade)

O RITMO

Não sentes destes versos sonorosos
O suave perfume ebriar-te, Helena?
Por uma taça de cristal pequena
Bebem-se os vinhos finos e cheirosos:

A ser presa nuns vidros caprichosos
A essência pura e oliente se condensa,
Ela, que é filha da manhã serena
E em si tem fogo e filtros luminosos.

Com um rumor de tarantela ondeante
Há-de ouvir a cantar no céu a estrofe,
Há-de ouvir a dansar a lirma adiante...

Quando minh'alma ri, ou chora e sofre;
Meto isso tudo em ritmo cantilante,
Ouro, que bato, e que burilo em tofre...

(Imortalidade)



DE LUIZ DELFINO

SO'S

Deixemos pó, rumor, luxo às cidades;
Ninguém saiba onde eu moro, onde tu moras;
No campo, longe, unindo as nossas horas,
Unam-se as nossas duas mocidades.

Nossa paixão tem loucas embriedades;
Cantos, que em si contem nascer de auroras
Que em si rufam canções de asas sonoras,
E idílios cheios de imortalidades.

O nosso amor é simplesmente humano:
Dura um instante, ou dois, um dia, um ano;
Pode ainda durar a vida inteira...

De nossa alma amorosa essência pura,
Quem sabe o tempo, que uma essência dura,
E o tempo que Linda o frasco exausto cheira?

(Imortalidades)

ESPIANDO A VOZ DOS ASTROS

As pequeninas bocas doiro abrindo
E fechando-as, os sons se ouvem de um canto,
Agora em riso alegre, agora em pranto,
Agora em lino harmonioso e lindo.

Helena, espia, ouvidos convergindo
Para o profundo azul do céu, enquanto
Os astros, como abelhas, voitando
Pelo éter puro, saltam, indo e vindo.

Numa pausa em que se ouve aflar os ventos,
Quando o universo então arfando, é mudo,
Sentem-se em nós nascendo os pensamentos,

Com o rumor de aspereza de veludo,
Embalamando os nossos sentimentos,
Dacilizando, efeminando tudo...

(Imortalidades)

LEITO DE NOIVOS

Ah! quem te vira pálida e sem vida,
Na cama cor de rosa amortalhada,
E, como sendo a mesma luz teçada,
A tua trança esplêndida espalhada.

Assim te quero, Helena, desmaiada
Antes do tempo, flor gentil colhida,
O' minha noiva, ó minha eterna amada,
Alma para minh'alma só nascida.

Tua corpo frio osculo com respeito,
Tens o vestido branco de noivado,
A hora, um lírio, onde os meus beijos delto.

Es minha toda enfim: fico ao teu lado:
Contigo dormirei no mesmo leito...
Que sono bom, profundo, e prolongado!

(Imortalidades)

CONHECIMENTO UNIVERSAL

Por esse espaço incógnito, e sem meta,
Eschendo toda a região serena,
Quo bater meu coração de poeta,
E o teu vibrar ao pé do meu, Helena.

E tudo isto, que existe, e nos afeta,
Como as estrofes duma cantilena,
Aos sons cantada de sublime avara,
E a obra de um Deus, e obra completa.

E somos nós o Deus. — E quem pudera,
Por todos espalhar esta verdade:
O verme morre, como morre a esfera.

No fim de tudo brilha a realidade:
Voltaremos ao Deus, que nos espera;
Em Deus seremos toda a imensidade...

(Imortalidades)

IN HER BOOK

Ela andou por aqui; andou. Primeiro,
Porque há traços de suas mãos; segundo
Porque ninguém, como ela, tem no mundo
Este exquisto, este suave cheiro.

Livro, de beijos meus teu rosto inundo,
Porque dormiste sob o travesseiro
Em que ela dorme o seu dorme, ligeiro
Como um sono de estrela em céu profundo

Trouxeste dela o odor de uma caçula,
A luz que canta, a mansidão da rola
E esse estranho mexer de etéreos ninhos...

Rufos de asas, amoras dos silvedos,
Prescuras d'água, sombras e arvoredos
Dando seca aos rosais pelos caminhos...

(Intimas e Aspiadas)

TO HONEY

Quando sai dos lírios do teu seio,
Como quem sai das rosas do infinito,
Tremida de terror e de receio,
Que se ouvisse o silêncio do meu grito...

Canto de amor, de embriaguez, de enleio,
Ouvia o próprio ar cantar-me aflição!...
E Deus irado, e a rir, tirava... eu creio...
Astros novos de luz de um tal delírio:

Como as Madonas Virginais de Rubens,
Sóis ao lado, por cima em baixo nuvens,
Um céu azul em cada olhar em calma;

Muitos sóis nesse olhar... naquele instante
Junto de ti, Madona flutuante,
Entre nuvens e sóis era minh'alma!...

(Intimas e Aspiadas)

ANDANDO PARA O INFINITO

Sou aos teus pés, como o areal sedento:
A água toda do céu nunca o seia;
E pode, a noite remendada ao dia,
Cair-lhe de pancada, ou lento e lento.

Sou um faminto a precisar sustento,
Sempre a febre, que o torço acende e cria,
Morda-lhe o seio esplêndido e opulento,
Beba-lhe à boca, um ciato, a ambrosia.

O meu amor trabalha em refazê-la,
Quando a gole ou de vez a voz haurindo...
Creio que engulo estrela sobre estrela.

Feita das carnes do seu corpo lindo:
Já não me afundo em céus: — para contê-la,
Sinto o infinito em mim abrindo... abrindo...

(Intimas e Aspiadas)

ATLANTE

Por que sou triste? — Esnaga um globo Atlante;
Pesa-me aos ombros o universo; e penso
Que a tristeza, que cisma em meu semblante,
E a sonbria, é o eco desse mundo imenso.

Olha: como enche um templo, em rolo, o incenso.
Todo um céu se enevoa: — e além, distante,
Fora, por cima, ao longe, há sempre o líriante
O puro espaço, o espaço azul suspenso.

E o universo, que leve, és tu. Exprimas
Num só beijo, em que sóis dentro em mim vãs,
Num riso bom de amor, com que me animas,

O amor, com que de amor maior me abrasas...
Não ouves logo a dança astral das rimas,
No rumor doiro dumas grandes asas?...

(Intimas e Aspiadas)

IN DOMO

Vem numa roupa simples e caseira,
Sem ter preocupações, naturalmente,
Como quem sabe o que possui, e sente
Que a flor há de ser flor, queira ou não queira.

O cabelo enrolado à nuca, a arbeta
Sala de densa em frêmitos cadente,
Nem uma joia, e o rosto esplêndido
Como manhã na aparição primeira.

Traz o calor do sol, o alvor do arminho,
E o azul que se dilui, estende, espalha
No céu cavado, como um grande ninho.

Oh! quando chega assim risonha e calma,
Nodosa de oiro e luz o meu caminho,
Mancha de branco as sombras de minh'alma!

(Intimas e Aspiadas)

A PERNA

Esta é bem como o limiar augusto
De Eden, em que ninguém Linda há vindo:
Que causa, a quem quer ir, terror e susto,
Pela guarda-o um anjo de clarões vestido.

Quem o caminho dele sabe ao justo?
O carreiro das rosas é sabido:
Das pombas brancas ao pombal hei ido:
Mas... como ao paraíso ir mesmo a custo?

E todavia aquela perna indica
Que muito longe dela o céu não fica:
Tentar, como um Titão de um rio em troca?

Aquela ponte de marfim maciço
Passar, subir... quem pode fazer isso?
Um louco? — Eu vou... Quem há do que eu mais
louco?

(Intimas e Aspiadas)

HORROR DA VIDA

Quando morrermos... Vê: o que me assusta
E' morrer sem morrer, e andar no espaço,
Sem que te enleio de um e de outro braço,
Nem saber mais de ti, ó! Forma Augusta,

Da vida a seiva límpida e robusta
E' para a morte o último embaraço:
Do pó a um sol, de um sol aos sóis um laço
Eterno prende a vida e a morte susta.

Nem Deus a vida a um pobre, morte corta,
Que quero eu mais, se a Forma está vencida?
Sem teu corpo, o existir, em mim, que importa?

Não serás mais a Beatriz querida,
E has de ainda viver depois de morta,
Porque a morte, ah! a morte é sempre a vida...

(Intimas e Aspiadas)

IDA E VOLTA

Cada estrela é uma lágrima que irrorra
O céu, que a noite desenrola em clima
Do mar, que geme, e mete aflita a aurora
Num grande pranto, e que ela acorda e anima.

E, tudo quanto ria dantes, chora,
Quando a hora tremenda se aproxima:
Ah! quando ela nos deixa, e vai-se embora
Alegar nova terra, e novo clima...
Abre-se o campo em flor, e se levanta

Um astro doiro em cada flor; e amela
Um riso a pedra, que não ri, e a planta:
Tem uma estrela em cada orvalho a veiga;

Abre-se o campo em flor, e se levanta
Um astro doiro em cada flor; e amela
Um riso a pedra, que não ri, e a planta:

Tem uma estrela em cada orvalho a veiga;
No céu o riso em cada estrela canta,
Ri o mar, ri a luz, quando ela chega...

(Intimas e Aspiadas)

STAR'S NEST

A noite era profunda, azul, banhada
Da luz branca de opala transparente;
E ela dentro da alcova reclinada
Numa atitude aérea de doente.

Que é uma Ophelia, que ao princípio nada,
Como um lírio, por cima da corrente,
Tinha na roupa um cântico fremente,
Como arrulos de pomba, na alvorada,

Caía nota e nota o argenteo trilo:
E o ar em torno repelia aquilo
Que cantava o seu corpo de siabastros!

Que doce! que suave murmurinho!
Como se nela mesmo houvesse um ninho,
Onde andasse a querer posar um astro...

(Intimas e Aspiadas)

O OLHAR

O seu olhar magnético fascina,
Como o abismo do mar, como os abismos:
Há nela o rir de todos os cinismos,
Apiculado de uma voz divina...

Música em grita, música à surdina
Por mulheres em loucos paroxismos:
Danjos bons oratórios, e lirismos,
Onde um céu de rumor azul domina.

E anda uma Ophelia nisso tudo, flores
Solaus lançando aos lagos encantados
Dos seus dois grandes olhos clamadores.

Nelas me atiro, os membros lacerados,
Sentindo aí dentro as deliciosas dores
De sóis em cio e deuses namorados...

(Intimas e Aspiadas)

LAETITIA

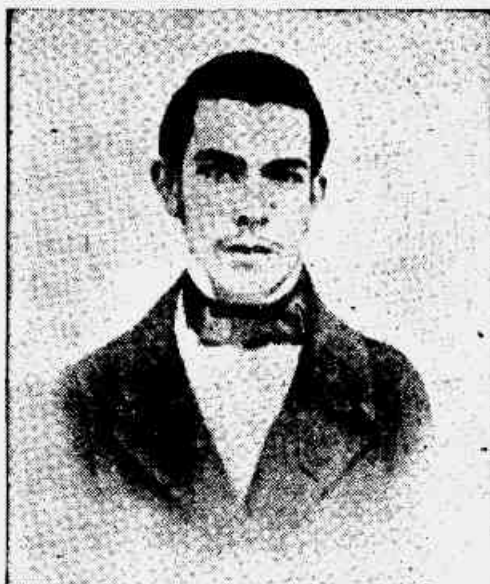
Morre: ninguém te há de querer tão fria,
Nem contigo dormir no mesmo leito;
Ninguém mais ouça, dentro do teu peito,
Bater-te o coração como batia.

Na tua alcova há de cantar o dia;
E o ninho, onde impiamos teu corpo, feito
Do que o céu tem de bom e há de harmonia,
Fique a estranho ludíbrio effim sujeito.

Leva contigo a luz da tua aurora,
Leva a cruz branca dos teus braços, corta
Tudo que a ti me prende e vai-te embora.

Como és bela inda assim!... Isso que importa?
Enquanto em torno tudo é triste e chora...
Oh! que alegria eu sinto em ver-te morta!

(Intimas e Aspiadas)



Luiz Delfino

Luiz Delfino, aos dezanove anns, quando veio estudar no Rio.

ROSAS NEGRAS

Manuel Bondeira
(da Academia Brasileira)

Com as "Rosas Negras" (Irmãos Pongetti), Luiz Delfino continuou o sr. Tomas Delfino na filial tarefa de colher em livro a obra imensa de Luiz Delfino deixada esparsa em revistas e jornais.

Luiz Delfino foi uma figura singular. Como disse atrás, ele resume em seus versos todas as fases da nossa poesia, do romantismo ao simbolismo. Era um poeta abundante, e tanto podia espraizar-se longamente em lirismos condoreiros, como sabia limitar-se lapidamente num soneto. Mas tinha que foi no soneto que achou a forma mais adequada à sua especial sensibilidade. O soneto de Delfino como que funde as três estéticas — a romântica, a parnasiana e a simbolista. Romântico ficou ele sempre no fundo. Mas a disciplina do Parnaso apurou-lhe as asas, às vezes um tanto desordenadamente talitantes; e o simbolismo deu-lhe aquele vago encantatório, salvando-o também do estreito materialismo formal. Escultural sim, mas uma ou outra vez quebrava "na feição" o nariz da sua Galathea. Sensual, sim, tremendamente sensual, mas o seu sensualismo não era primário como o de Biliac: complicava-se de requintes espirituais. Casava os apuros de sentimento e de forma com audaciosos prosaísmos. De tudo resultou uma poesia mareca, bem pessoal, deliriosamente estranha.

Estas "Rosas Negras" contêm só sonetos. Aqui aparece o famoso soneto da Rua Augusta:

No Rua Augusta, em Santa Catharina,
A alma em cima de uma prancheta de pinho,
Al nascei, foi ali o humilde ninho
De uma criatura molhada e franzina.

Noz fininho de uma loja pequenina,
O leão branco a arder na luz do ilhaz,

Da minha mãe, da minha mãe solitária,
Tive o primeiro e tóxico carinho,
Meu pai foi sempre a honra em forma humana,
Tinha a virtude máscula e rosada.

Trabalhava incessante, noite e dia,
Como um leão seu antro defendido,
E era uma pontua para todos nós...

Na minha "Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana" registei uma variante do terceiro verso da primeira quadra: "Ali nasci, foi esse o humilde ninho".

Outro soneto célebre, incluído no primeiro volume é o de "Jesus no colo de Madalena". Mas os admiradores do grande poeta catarinense encontrarão nas "Rosas Negras" muitos outros sonetos, que serão novos para eles. Sonetos muita vez imperfeitos, mas nos quais há sempre aqui e ali, versos esplendidos — ou como imagem, ou música, ou magia descritiva.

Mais uma vez, lendo Luiz Delfino, senti a influência por ele exercida em Raimundo Corrêa. Sabe-se a admiração que este consagrava ao velho Poeta. Expressou-a num soneto publicado em "A Voz" e que eu incluí na minha Antologia:

Abandonas de vezes a alta crista
Do pujante Himalaia onde te sentas...

Leia-se por exemplo este soneto "Clio":

Não ouças, não, o soluço do fêbreiro
Dos lírios brancos, dos rosas florescentes...

Que te não fale ao ouvido o jaspeado...

O vale Pá e os Sálrios não sentes...

Olha. E' cada perfume um menino, ougeiro,

Um manifesto político de Luiz Delfino

Em 1863, foi Luiz Delfino, candidato a um lugar no Parlamento do Império, como representante de sua provincia natal. Elaborou, então, o seguinte apelo ao eleitorado de Santa Catharina:

AO POVO CATARINENSE

Aspiro a honra de representar-vos no parlamento: venho pedir-vos o vosso mandato.

Que exijis de mim? O prestígio do passado?

Não tenho relação com o passado. E' a mais forte garantia que vos posso oferecer para o futuro.

Na desordem dos principios politicos, que tem trabalhado confundido, aniquilado a grandeza dos partidos, eu me sinto feliz em não ter de sacudir o pó do passado para entrar, sem vestígios do caminho andado, a porta do porvir, que se desceira grandioso a terra de Santa Cruz.

Que quereis do passado?

A luta grandiosa que agitou a metade do país contra outra metade, não tem mais razão de existência. Pertence a historia. Tem graves lições para o presente e para o futuro não foi esteril: tem páginas gloriosas e páginas obscuras, como todo o grande livro das lendas humanas. Mas foi uma epoca completa.

Não galvanizemos o cadáver, porque estremeça, e o acreditemos redimido e juvenescente.

Era é novo: toda ranciania e cheia de peripécias inopinadas. As ambições, os desejos, as creanças, os temores dos novos homens publicos passam pelo ar, cruzam-se em todos os sentidos, formam abobadas que se não seguram, por fallar-lhes a chare de ouro que deve equilibrar as grandes alturas e as colunas que coem firmadas e fixa-las no terreno social. Tudo é vago!

Há um arruado inencho, há uma sombra inensa, há um clarão deslumbrante inmensamente e vagamente grande.

Mão onipotente pode separar os elementos do caos e fazer ralar a harmonia e as leis, que devem guiar a nova ordem de fatos.

Mas onde está ela?

Deverá estar na imprensa. Mas imprensa se não tem conservado na altura dos grandes principios politicos. O individualismo tem invadido tudo e tomado o lugar dos fatos sociais. A anarquia politica pela descrença dos principios tem erguido a bandeira negra, após da qual se tem jubugamente entiferado homens e coisas.

De que lado está a verdade?

Que te enlaça nas asas trineque?

Clamam teu nome os trineque e as

fontes...

Dando-te um nome de um colom...

[Seu pondeiro?]

Com Junquilloz gentis prende-te

nos pulcos

Frão, morde-te estranho salafra,

Antes curica, e flanco, e aos

[Seus impulsos]

Verde trada a natureza em elo:

E os deuses descrenhados e con-

[vulcos]

Belando em choro as Nálidas

[do rio?]

Não é verdade que poderiamos tomá-lo como de Raimundo, se não fosse a elisão violenta do terceiro verso e aquele "soluçar do cheiro dos lírios brancos", de tão forte sabor definitano?

Em suma, nas "Rosas Negras" encontramos o mesmo Delfino nos outros livros, o grande poeta que amamos por aquele fundo de bondade e sensualidade generosas, o Delfino em cujos versos a natureza parece entregar-se como uma mulher cheia de perfume num leito cheio de perfume.

Luiz Delfino na opinião de Ronald de Carvalho

Ao mesmo tempo que os prontos do parnasianismo e tendos precedido de duas gerações, Luiz Delfino, nascido e formado entre os românticos, começou a aparecer então, com mais relevo, nos jornais e revistas literárias do tempo. Sem obra definitiva, por onde se possa julgar do seu espirito real, e sem a projecção dos outros representantes do movimento parnasiano, o arcaico "Angustia do Infinito" e as "Três Irmãs", ainda permanecem como um valor artístico, apesar do alto conceito em que é tido por muitos entre os quais Sylvio Romero que o aponta como o maior poeta do Brasil. A parte o exterior, tão comum no dogmatismo literário do Ilustre escritor cari-quiano, Luiz Delfino não se considerado, na sua aversão à exuberância, um dos melhores discípulos de Hugoano entre nós. E, aliás, nada lhe falta: nem o formalismo, nem a exatidão, por vezes gongórica, do verso. Devido a circunstâncias de haver andado sempre longe dos meios literários e de não ter publicado, em volume, uma série de poemas, Luiz Delfino, não pôde para o lugar que lhe compete muito justamente em nossa lettraz.

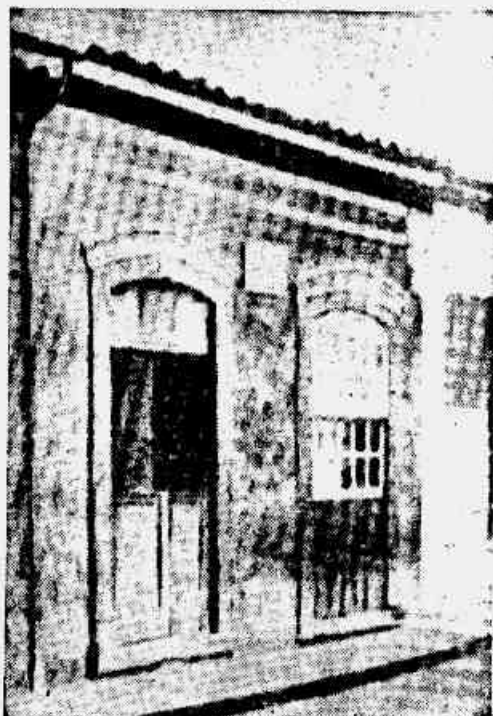
(Pequena História da Literatura).

que terci cumprido nobremente o vosso mandato e concedido para os interesses de nossa Provincia, e os magnos interesses deste crescente Império da America, de quem todos nos gloriamos de ser filhos, e cuja grandezza está nas suas instituições e na sua unidade.

Tenho o direito de pedir-vos a honra do vosso mandato: leia o direito de dar-vos os de negar-mo.

Em todo o caso, é a grandezza e a prosperidade da pátria a minha única ambição: e será minha a Glória, e será meu o triunfo do latador atroz, que saiba conquistar com suas miras e com seus esforços, os sábios, e concorrer assim para o progresso do país.

O vosso patriota
DR. LUIZ DELFINO DOS SANTOS



A casa da rua Augusta, em Deslerto, onde o poeta nasceu.

LUÍZ DELFINO, NA OPINIÃO DE OSÓRIO DUQUE ESTRADA

A chave de ouro desta conferência naturalmente encontrada na mais fulgurante de todas as jóias do seu escrinho. E' esta!

JOSÉ DO COLO DE MARIANA

A Guilherme Belleguère

Tem respirar, e humilde e grande (sobretudo)...

Edição da, pela cruz acinza, se (cadas)...

E nos olhos varados do modelo (Baton) os olhos, enchem-se as (pavadas)...

Quem o choro em torno, — As (maos) primeiro,

Inertes, e em no ar dependura (das)...

A (falta) conta; aquela o tronco (inteiro)...

Nos braços das mulheres degra (tuadas)...

Então o pé, — Aumenta o (pranto) e a queixa,

Se (Machado) ao giro da mudeza (Linha) — a face, que do mano (brilha)...

E no solo da (Machado) mais (inda), (Cem) a (de)to arguente a (palpebra) (filiza)...

Batido se (de) a (v) — bel (fando) a alma!...

Nada mais preciso dizer acerca de Luiz Delfino: a glória do poeta aí está cantando e recitando na coleção de todas as gemas de que foi paciente e apaixonado lapidário.

Nem fora preciso mais para que esta seja tempera de artista, nobre e opulenta encarnação da intelectualidade brasileira, houvesse de perdurar na memória dos póstmortos, viva, animada, palpitante, tão grande e luminosa na sua obra como no bronze perene de uma estátua.

Assim há-de acontecer. Fio que, então, por entre os resplendores dessa imortalidade, as gerações do futuro saberão render à memória do poeta ilustre aquele preito de eterna veneração e do inapagável reconhecimento que os cidadãos do Sparta prestavam à sombra dos grandes homens, indo, uma vez no ano, depor a folha do carvalho simbólico aos pés das estátuas de seus heróis.

(Conferência — Agosto de 1911).

NOTÍCIA SOBRE LUÍZ DELFINO

(continuação da 247) nossa literatura. Da série por ele dirigida apareceram os seguintes livros:

— Poemas, Rio de Janeiro, Tip. do Jornal do Comércio, 1928, 141 páginas.

— Alguns e Outros, 1.º v. Tip. Pólvora de Melo, Rio, 258 páginas, com vários retratos do poeta, (s. d.)

— Poemas Liricos, S. Paulo, Companhia (Editora Nacional, 212 páginas, com um retrato do autor, (s. d.)

— Intimas e Aspasias, Editor. Irmãos Pongetti, Rio, 211 páginas, 1935.

— A Angústia do Infinito, Editor: Irmãos Pongetti, Rio, Coteria de poemas de 176 páginas, 1936.

— Atlante esmagado, Editor: Irmãos Pongetti, Rio.

— Rosas Negras, Sonetos, 239 páginas, Editor: Irmãos Pongetti, Rio, 1938.

— Eboço da Epopeia Americana, Editor: Irmãos Pongetti, Rio.

— Arcos de Triunfo 179 páginas, Editor: Irmãos Pongetti, Rio, 1940.

— Imortalidades, Livro de Helena, 1 volume, 209 páginas, Editor: Irmãos Pongetti, Rio, 1941.

— Imortalidade, 2.º volume, Editor: Irmãos Pongetti, Rio, 1942.

IN EXCELSIS

(Recitado por uma menina) — LUÍZ DELFINO

Era aspérrimo tudo!... A floresta sombria
O crânio hirsuto, enorme e pavoroso enchia
Da subleuada terra:
O céu de éreos dragões rugia retalhado...
Mastodonte... era um cimo amplíssimo animado...
Leviathan... uma serra!

As montanhas descendo aos ombros das geleiras,
Dos flancos a golpear ossos de cordilheiras!...
Por tudo um sopro ingrato...
A terra a estremecer, como o embrião na entranha...
Procurava-se o vale, achava-se a montanha!...
Que enorme pugilato!

O sol com o olhar com que Dante andaria o Inferno,
Tinha na fronte loura as grossas lãs do inverno,
E por um céu sombrio
Cuspido de trovões, ladrado das procelas...
Vendo alados leões rugir no meio delas...
Passava austero, e frio...

Enquanto a natureza indômita bramia,
E de monstros a terra, e o céu, e o mar enchia...
Foi solene essa hora!
Viu-se por vez primeira, em meio dessa luta,
O homem 'star junto ao urso e ao tigre à mesma gruta
À luz da mesma aurora.

Onde hauria essa força aquela raça imbele
De fina trança d'ouro e de macia pele,
Nú, isolado, inerte,
Que tronco ele brandia, assim como uma clava,
Que o elefante o lemia, o urso o acalentava
Rojado, como um verme?

Era um mundo de luz, que ele traxa à fronte!
Que quando tudo tinha a estatura de um monte...
E as forças da torrente:
A floresta animada, a serra, a catadupa
Vez dobrar as setas pés a trêmula garupa
Com um gesto onipotente.

Era um mundo de luz!... luz, que o tornava o eleito
Que lhe mostrava a estrada, e o arremessava ao pleito
E aos vendavais sem medo:
E que para vencer os tigres, e as fanfarras
Dos temporais, lhe punha as mãos, em vez de garras,
Um raio em cada dedo!

Luz ou razão: foi essa a sua força imensa,
E o sol vendo essa força, e sentindo essa ofensa,
Soltou um grande grito...
E desde então rolou mudo, hiro, espavorido,
Como uma agulha na jaula azul, ou deus vencido
Na amplidão do infinito.

Deus se escondera atrás da esplêndida muralha
Atrás da natureza: ele deu-lhe batalha,
E o trouxe à claridade:
Por escada de sóis subiu... subiu... lançando
O espanto, o horror no abismo!... e o abismo recuando.
Mostrou-lhe a eternidade.

Depois... do Genovês, que vale o arrojo insano,
Que enterrando o seu punho ao fundo do oceano,
Arranca um continente.
Como rompendo o azul das brandas águas querulas,
Trás nas trêmulas mãos constelações de pérolas
O pescador do Oriente.

Mas este vencedor, que o próprio Deus invade,
Que aos planetas da leis, que pesa a imensidade,
As vezes cai vencido:
Quer andar; tem os pés agulhoados; — lança
As asas pelo espaço, e cansa... cansa... causa...
E em vão as tem batido!

Vencido é com Pompeu nos campos da Farsália
Em Utica é vencido, aonde a bela Itália
Caía com Catão...
Vencido, quando a idéia à força escravizada,
Está a destrona e abate, e em sangue a mão lavada,
Decapita a razão.

Nas Termópilas é com Leônidas vencido...
Há de sombras um povo irado ali reunido,
Com gesto ameaçador!
O tirano não fecha a história sem primeiro
Olhar em torno, e ver se inda o despenhadeiro
Despeja um vingador!...

Mas a razão traída, a cada vilipêndio,
Como a fenix da cinza a cada novo incêndio,
Levanta-se mais bela,
Mais vasta, mais azul que a abóbada estrelada,
Que teve por momento a roupa lacerada
As garras da procela.

Ela enfim, como um sol, mas como um sol mais belo,
Há séculos, que morde, e rói elo por elo,
O grilhão que a prendeu:
A escalada do céu, do infinito a conquista
E' sem fim. — Agulha quer trocar com Deus a vista,

E dizer: — Tu e Eu. —
Atando dia e dia um prodígio a prodígio,

Das garras do seu gênio ela deixa o vestígio
Nas conquistas que faz;
Quer o vento prender, quer domar o oceano?
Põe ao mar uma tábua, e põe ao vento um paizel!
Só. — Não lhe fogem mais.

Quando Sócrates bebe a taça de cicuta,
Olhos cheios de mar, de céus, de azues, sem luta
Voa às plagas serenas:
Assas criando a taça, e enchendo-se de chama,
Voa também, e deixa o incêndio, que derrama,
Nos mármorez de Atenas.

O Grilhão de Colombo... a Cruz do Cristo, a Espada,
Que mergulha Catão no flanco, é condenada
A luta secular:
Passa das mãos do herói caído na batalha,
Como herança sublime, a razão que trabalha
No crânio popular.

Trás dois astros Homero, a Ilíada e a Odisseia,
Gutenberg ata, amarra ao próprio tempo a idéia!
Galileu giro novo
Dá com seu dedo à terra, o cínico, o perverso,
Que pela natureza — a Bíblia do universo —
Troca a Bíblia de um povo!

Estes vencem. — Na terra os divinos obreiros
São eles! grandes são!... Não os cobrem loureiros,
De glórias marciais:
Pois tem uma só voz, um só plano, um só fito,
— Batalhar pela paz, conquistar o infinito,
Ser mais que Cesar... mais...

Eu sou a musa nova, a musa da esperança,
O multidão suspenso à voz de uma criança,
Que a eterna lira anima,
A dança do meu ritmo, em corimbo estrelado,
Levanta a fronte... escuta: o céu 'sta desse lado...
Ali... além... por cima...

Vem de lá uma voz, que clama: ó mocidade,
Semear a ciência é ter a liberdade,
E a paz — bendito orvalho —
No vale, e campo, e bosque, e monte, e terra inteira,
Levantai a divisa, hasteai a bandeira
Do amor e do trabalho.

Lema com que o atleta em busca do infinito,
Lança o igneo corcel, — num pavoroso grito —
A enormidade, e pelas
Abóbadas azues galopa, e dos espaços
Volta, trazendo os sóis debaixo dos seus braços
E as mãos sangrando estrelas...

1884 — (POEMAS).



Luiz Delfino, numa caricatura de Raul, em 1902.

LUIZ DELFINO — D. MILANO

Luiz Delfino é um poeta, que dificilmente poderá ser catalogado numa escola, qualquer do seu tempo. Já Manuel Bandeira, em suas antologias de Poetas Brasileiros, o incluiu na antologia dos Românticos e também na dos Parnasianos. Isto não significa indecisão nas tendências poéticas de Delfino, nem dupla orientação, mas um excesso da sua personalidade transbordante.

Era ele, mais que tudo, um enfiador do verso, um construtor de frases, um desperdiciador de vocabulário ressonantes, coloridos;

rimas sonoras em "ais" e "ões" "ares", imagens que parecem acesas, grandes fundos azuis, uma musicalidade quente, vozes ardentes, sensualismo esplêndido que transbordava em palavras como "algas, musgos, poleas, edêns, restos, trajes, soas, azues, crateras, conchas, perolas, mares, festins, lumares, nezas, véus, aras, gazas, marmores, púrpuras, cristais..."

A principal característica desse poeta é a "expressão", o poder verbal, que sobrepuja qualquer "tema", qualquer "conceito", qualquer "sentimento". E

uma efusão, um desperdício de palavras que brotam como por magia, às vezes com brilho e magnificência pintoresca, outras vezes monótona e cansativamente embora com brutal esplendor — como em geral ressoa a tuba do poeta. Lembra, por esse lado, Hugo nos seus momentos, Guerra Junqueiro nos seus.

Se não fosse o descaído, a improvisação, o excessivo extravasamento de ressonâncias e sonoridades de sua lira; se alguma vez o poeta se houvesse concentrado, e embridasse com

pulso duro o seu desabrido Pégaso; ou se pacientemente, longamente houvesse trabalhado, expurgado, domado o seu impetuoso verbalismo, a sua desenfreada imaginação, a ponto de dominá-la artisticamente, por certo teríamos nele o nosso maior poeta. Mesmo assim alguns o colocam em tais alturas, a meu ver injustamente.

Quando insisto nos defeitos de um escritor de grande porte, não me move o intuito de desdourar um ídolo, mas um desejo bem intencionado de depuração, de escolha, — para mais perfeit-

ta classificação dos nossos valores, o que ainda não foi feito por nenhum estudioso, limitando-se a nossa crítica a reagir sem restrições, louvando indistintamente qualidades e defeitos, ou a alabar, sem mais discernimento, os autores que admiramos ou detestamos.

São os grandes mortos, podemos fazer crítica leve, justa e irrestrita. Eles não se ofendem, nada os desmerece, nem seus defeitos lhes tiram a imortalidade. Falta-nos uma História Literária que seja realmente, como deveria ser, um curso de aperfeiçoamento e que forme o gosto do público, — principalmente entre nós que não possuímos, como outras literaturas mais felizes, um verdadeiro Gênio, um Shakespeare, um Goethe, que por si só suprima todo um curso de literatura e possam servir de base e orientação aos futuros escritores de seu país. Não se manifestou ainda o Gênio da nossa poesia. Tudo são tentativas. Às vezes grandes tentativas. Delfino é uma.

Tentou o máximo, quis ser o primeiro e tomou sem receio essa atitude. E em vez de preparar-se para o grande esforço começou a dispersar suas forças, a desperdiçar imagens. Ora, só se desperdiçam coisas superfúas. Isso é o que eu lamentava na obra de Delfino, o excesso de superfluídades. O "gênio", como em geral é considerado pelo nosso público, não passa de uma atitude descaída, displicente e indisciplinada, uma audácia sonora nas afirmações descaídas, um desequilíbrio de idéias e sentimentos. — Logo ao contrário do verdadeiro gênio, uma "atitude", pois. Mas dentro de cada um, nos abismos de si mesmo, nas profundezas inconscientes do eu, é inútil a hipocrisia, e ninguém descobre ali o que não há.

Porém, esmerilhando, escolhendo na obra poética de Delfino, aqui uma idéia que retule como um relâmpago em nosso cérebro, ali uma rara gama que expõe uma verde luz submarina, mais alem uma imagem que deixa um rasto inapagável em nossa mente, reconhecemos que nos achamos diante de uma dessas poderosas organizações poéticas, capazes de produzir nos outros homens uma excitação duradoura e a impressão de espanto que causa a descoberta de uma obra de verdadeira poesia, como no caso do imortal soneto "Depois do Edem" ou ainda "A Pedra" e outras primeiras que Luiz Delfino legou à poesia brasileira.

D. MILANO
RETIFICAÇÃO: — Em artigo anterior, que escrevi para "Autores e Revistas", estudando alguns aspectos da poesia de Alberto de Oliveira, e publicado em 8 de março passado, há um trecho que diz: "Seu verso são os melhores da língua". Trata-se visivelmente de um lapso da revisão; o que eu realmente escrevi foi: "Seus versos são dos melhores da língua", o que já me parece um elogio suficiente.

D. M.

VICTOR HUGO — LUIZ DELFINO

Rio, 30 de maio de 1885.

Meu caro amigo Valentim Magalhães:

Rio, 24 de maio de 1885.

E' coisa banal dizer-lhe o vácuo que senti em torno de mim ao saber que o maior poeta de todos os tempos acabava de por o pé no último degrau, que transmuta do limitado no infinito, e que os últimos acordes daquela lira eterna perderam-se no deslumbramento das visões dantescas, e nas visões mais assombrosas, do mais evidente e mais luminoso de todos os profetas, que foi ele mesmo — Victor Hugo.

"A peine adolescent...
Ma tête ainsi qu'un mont arborait les nuages:
Et rouvrent, dans les cieux apaisés leurs passages,
J'ai pris des aînés dans mes mains."

Quando envelheceu ainda o gigante perto do túmulo traíste forte que Hugo que o rodeava.

"Il est faible; il est vieux — Sa fin est si prochaine,
Q'â peine il peut encor déraciner un chêne,
Pour soutenir ses pas tremblants."

Ele viveu assim: ele acabou assim.

Não teve uma queda, não teve uma derrota, não teve a ilha d'Elba, nem a ilha de Santa Helena, que são dois desastres: teve a ilha de Jersey, e a ilha de Guernsey, que são duas apotheoses.

Este homem ocupa quase todo o século XIX na história de França.

Na política, na literatura, na filosofia deslocou tudo, inovou tudo, encheu tudo, porque ele era a expressão mais vasta e mais concreta da humanidade aspirando à justiça, procurando a verdade, encarando a miséria dos séculos, para arrancar dela, como de uma noite massiva, o sol da redenção do mundo. — Foi menos Deus que o Cristo, e mais homem que ele.

Caminhou como um sonâmbulo, à beira de todos os abismos, pagou sonda-los; e como uma águia, deitou todas as eminências, para dominá-las.

O que ele podia colher de grande, de bom, de verdadeiro dava-o à criança, à mulher, a tudo que era fraco e enfermo, porque ele queria tudo forte, são e alegre.

Foi a sua eterna preocupação.

Aquele monstro de "Nossa Senhora de Paris", "A Prostituta", "O Povo", "O Drágo", "O Altimano", inspiraram-lhe as mais grandiosas páginas que se tem escrito desde Homero, Sófocles, Pericles e Equilo até Shakespeare.

Al! aquele boba, que pensa ter num saco o rei de França, e tem sua própria filha, morta, mutilada, a quem ele mesmo fere, e amaldiçoa, tem gritos desesperados e lamentáveis, que nunca foram ouvidos iguais ou mais terríveis em paleo algum em que se tenha exporto o coração humano a sangrar e a gemer.

A sua doutrina humana é por vezes superior à doutrina celestial de Jesus.

— Eu teria perdoado a Judas, se fosse o Cristo, exclamou ele uma vez num soberbo verso, que não tenho de cor.

Outra, erguendo-se mais uma vez, depois de um milhão de vezes, contra a pena de morte, termina a obra de bronze com este capitel de ouro puro e massivo:

"Peuple, le philosophe est le témoin sévère.
Si Jésus s'envolait fêré du Calvaire,
Et venait à tout tour crucifier Satan,
Je dirais à Jésus: Tu n'est pas Dieu — Va-t'en."

Hugo, grande e misterioso como Dante, terrível e vingador como ele, tem a simplicidade e a grandza de Homero, a graça de Virgílio, a eloquência e a inovação de Sófocles, a grandza de Esquilo, a força e a amplitude de Shakespeare, enfim é da raça dos Prometeus.

Em França antes dele, só Pierre Corneille em algumas tragédias, sobretudo a do "Cid", se aventava ao autor do "Hernani", e depois dele, e em vida dele só o autor do "Leão Amorous", consegue criar alguma coisa de grande. Como os dois mestres, falando ao último o lirismo, e aquele verso metálico, sonoro, enorme, cujo segredo nem a Francisco Coppée legou o mestre inextinguível.

Mas no que este homem assombroso (parece-me), nunca terá rival, é sobretudo nos seus titânicos poemas em prosa — "Nossa Senhoras de Paris", "Os Miseráveis", "O homem que ri", "Os trabalhadores do mar".

Na tragédia pode dizer-se: o "Cid" de Corneille, "O Prometeu" de Esquilo, o "Edipo" de Sófocles, a "Medeia" de Eurípides, todas de Shakespeare, muitas de Calderon, algumas de Goethe.

No verso o próprio Francisco Coppée, na "Guerre des For-

gerons", mostra-nos a probabilidade de poder em algum tempo aparecer um rival ao grande mestre.

Não assim na prosa e sobretudo na prosa daqueles grandes poemas. Aquilo escreve-se uma vez.

Cervantes, Rabelais, não se continuam.

Aquilo fica como marcos do poder do espírito humano no meio do oceano dos tempos.

Mas no que é preciso convir, é em que um homem, que pode ser e é Theocrito, Juvenal, Bion, Horácio, Virgílio, Homero, Milton, Dmóstenes e Cícero, que escreve as "Anções das ruas" e as "Legendas dos Séculos", as "Punições", (Châtiments) e a "História de um crime", as "Orientais" e a "Arte de ser avô", as "Contemplações" e os "Quatro ventos do espírito", que enfrenta com todas as alturas do espírito humano, e bate e buirra as páginas de bronze daqueles eternos poemas, é, no conjunto de sua obra, maior que todos: pode ser aclamado o primeiro de todos os tempos.

Rafael d'Urbino seria sempre um grande pintor: a Fornarina pelo amor levantou-o, e fê-lo sobreexceder-se. Parece-me que a humanidade deve muito ao crime de Luiz Bonaparte. O ódio de Victor-Maria-Hugo contra o atentado deste Napoleão, que pode ser expresso desta outra maneira: o seu imenso amor à justiça, lançando-o às ilhas inglesas, deu ao mundo, aos séculos, um exemplo do que pode o caráter, do que consegue a convicção, do que pode a inteligência armazém da justiça. Fazia bonitas canções, lindas e admiráveis canções para a guitarra espanhola: mas que manejava o lutejo de Juvenal, o raio de Persis; era um segredo, que só o tempo desvendou. Este livro das "Punições", eu o devia ao meu grande amor da justiça e da verdade, às minhas grandes cóleras contra o atentado que lhes fosse feito, diz ele em outro livro igualmente grande. — Escrevendo história tomou as proporções de Tácito.

E de lá do exílio saíram depois todas essas criações colossais que conhecemos, enquanto, ele podia dizer de si o que já dissera um gigante, talhado pelo próprio molde, em 1825, aos soldados do Imperador-Bandido:

"... La valeur souveraine
Rit des solais de fer, dont vos camps son peuplés."

Quando nós contamos os grandes homens que neste século tem encheido a generosa terra de França, quando medindo-os, achamos los titânicos e olímpicos; perguntamos a nós mesmos, espantados, de que tamanho é pois este, para encher com suas proporções todo o século, e deixar na penumbra todos aqueles de raça privilegiada e não inferior?

Eu me tenho interrogado a mim mesmo! E lendo em seguida algumas páginas de todos os maiores autores de França, e depois passando a ler alguma de V. Hugo, sentia uma grandeza, uma elevação, um brilho, um amor da verdade, um sentimento tão bom e tão puro por esta raça íntel, que é a humanidade, feita de cada homem, que segundo o nosso poeta é uma lágrima do olho misterioso de Deus:

"Regard sans courroux de rire furieux,
Le rire, que rien ne desarme,
Dieu, vie, abime, espoir! grand oeil mystérieux,
D'où tombe l'homme cette larme!"

que só por esta comparação imediata, podemos julgar em que consiste a diferença, e porque triunfa o poeta.

E a observação do Zola, que eu fiz muitas vezes, também, que todos que se interessam por estas sublimes coisas terão feito inconscientemente:

Em toda a parte, da sua obra imensa, de 1852, nós ouvimos sair esta grande voz:

"En face du soleil sacré, que nos éclaire,
J'apporte ma vieille âme, et ma vieille colère!"

E porque me interessa esta velha alma e esta velha cólera? Porque sabemos que esta velha alma é um juiz, e que esta velha cólera é um julgamento; e que ambos, alma e cólera, combatem por nossos destinos, por isso que combatem pela justiça. A liberdade é apenas um ato de justiça.

Qualquer, em todos os séculos porvir, poderá dizer deste homem: — Amo-o pelo interesse que ele tomou por mim. — Tal foi o interesse que tomou por todos.

Quis no dia da morte do grande poeta escrever algumas estrofes, que reproduzisse a dor que me punha naquele instante. Escrevi qualquer coisa. Lancei ao vento em múltiplos fragmentos as estrofes, que não valiam a lágrima que me empantou naquele momento os olhos.

Meu amigo, eu queria dizer-lhe somente que o acompanho e aos nossos jovens amigos, e a todos os amigos de nosso poeta morto, pois era ele o poeta da humanidade, na demonstração da dor pelo traspasse daquele, que, na frase de um dos maiores poetas brasileiros, gaçando a eterna morte assentou-se na eterna vida.

("A Semana" — 30 — 5 — 1885).



O último retrato de Luiz Delfino



Algumas poesias de Luiz Delfino

O VERSO ALEXANDRINO

I

Trêsna luz e ferve a tua nobre fronte,
Quão rubor da aurora em mais amplo horizonte
O verso alexandrino; e inda em cheio esplendor,
Sustento nos ombros seus esferas de harmonia,
Aves d'ouro batendo nos céus, há pouco o via
Nos muros de Sion, face a face ao Senhor.

Sobre a forma não fulge e não domina a ideia?
E' bela? Tem de luz a fronte augusta chela?
Arrasta em seu caminho a túnica real?
Que importa o pedregoso e rude da moldura?
Que importa em que cadinho a mão rija e segura
Lanceu e derreteu o fulgido metal?

Vem sussurrante a estrofe, e na asa branca arrasta
Da fúndia solidão, da solidão tão vasta,
Que alma se chama, a terra, o que ela nos mandou?
De lágrimas molhado, ou doiro derretido,
De piado sorriso o verso vem vestido?
Cantou? gemeu? sorriu? — Que importa o mais? — Bastou.

A querida mulher, a quem amor nos prende,
O que ele geme, e chora, e espera, e crê... entende?
Não basta? E' pouco ainda? Ainda quereis mais?
O sol não se reflete, e a vida, e a mocidade
Com todo o fogo e luz, e toda intensidade,
Que ha neles, nas prisões, aonde os manietais?

Por floridos vergéis não cantam passarinhos?
O rio não saltita, e geme entre seixinhos?
O vento não baloia os crespos matagais?
O mar, o dia, a noite, o céu, o campo, as flores
Não podem dar ruído, amor, perfume, e cores
A ti verso zurrado em versos imortais?

Não pode despenhar-se em rápida carreira,
Das palácios impelida, ali, vossa alma inteira,
E como águia nos céus, as asas expandir?
Correr, subir, descer em largos horizontes,
Com quatro voos só medir todos os montes,
Deixar o abismo aos pés de poemo e boca abrir?

Fara em povo de anões, talvez, és tu gigante!
Para que venas radiosa, ó novo e belo Atlante,
Se os largos ombros teus não leem que carregar?...
O luto de Camões não te encolheu ao menos?
Bande ponde meter em versos mais pequenos
O inferno, o purgatório, o céu, a terra e o mar!

Mas não te corre, aqui, e tímido cintila;
Ali vou tita a luz de morbida pupila;
Cala, rumoreja, exalta-se a gema,
Médroso, como um bosque à noite todo cheio
De aroma a trescalar das sombras do seu seio
De venas a luzir, de folhas a tremor!

Um dia eis vê-lo erguer-se ululante e horroroso
Como irrompe o leão da fuma, e do repouso,
Ao sibilar da bala, e ao golpe seu letal,
Sacudiu-se, erigiu a juba flamejante,
E acoutar o tirano, e o prender, como Dante,
Na cadeia aos pés do tempo, — o anão imortal!

Outro dia o verso armado, como Apolo,
Vendo erguer-se a cantar das entranhas do solo,
Das tunicas de pedra erguendo os braços seus,
Cidades juvenis, c'roudas de florestas,
Lavando os pés no mar, batendo as mãos em festa,
Que as fundas creanças dão de liberdade e Deus.

Outras vezes é silfo, e esvoaçando ligeiro
Da virgem vai dormir no mesmo travesseiro,
E suspira-lhe: — Eu sei sorrir ao teu sorriso!
Como uma rosa solta à corrente de um rio,
Em meu seio odorento a tua vida eu guio,
Como um sonho a dar flor, e enastando o porvir.

Das alvas me ruboro; e enchem-me ruídos
Do berço, inda a vagir, da cova inda em gemidos,
E que da voz do amor, ou da saudade vem:
De tudo que tem vida, e mexe, e que suspira,
Solista as letras doiro a minha eterna lira
De tudo que tem vida, e que um suspiro tem —

Outras vezes é anjo. — A auréola da beleza
Na fronte lhe sorri sob um véu de tristeza,
No lábio grave a voz os sons cerúleos tem:
A mão cândida alaga a luz de um raio imenso!
Um pé posou num globo, outro pé 'sta suspensão!
Com fremito incessante as asas vão e vem.

Então parece estar-lhe o mundo confiado,
E empanar-lhe o esplendor, e velá-lo um cuidado!
A espada da justiça é ralo, e não é luz!
A caridade, — irmã, entrega-lhe uma lira,
Da mão lhe cai o raio; o anjo então suspira,
e o vago pensamento em músicas traduz!

— Eu levo, estrofe branca, alada às minhas penas
A primavera, a luz, as naves açucenas,
Que pelo chão da vida o homem desfolhou:
As agonias levo, e as noites ensopadas,
De lágrimas sem fim, e sem razão choradas,
Que a loira mocidade atrás de si deixou.

E o coração, que erê, ama, perdoa, implora,
E o coração, que odeia, a treva junta à aurora,
Eu levo, e o desespero, e a viviez, e a cruz!
Levo a vítima, e o cepto, e a machadinha, e o algoz,
A Deus, que, eardo e rosa — à terra assim nos pôs,
A Deus, que é chama, e tudo à chama em si reduz.

Bendito seja o gesto, a voz, o grito, o hino,
Que move, e fala, e geme, e canta, e seu destino
Fêz da eterna esperança as almas arroubar!
Feliz eu se entornar em versos tais pudera
Os sonhos juvenis da minha primavera,
E a dor, e as ilusões, e a vida enfim cantar!

O! natureza, ó luz, amor, e campo, e flores,
Bosques cheios de sombra, e cheios de rumores,
Olhos doiro da noite em céus azues, dizel,
Que verso pode andar sem vossa companhia,
Como esplêndido véu de música e harmonia,
Dando ao vento que passa o seu manto de rei!

A sátira num dia altiva a fronte erguendo,
Qual na tripode a deusa os olhos revolendo,
Em verso alexandrino ousou sentar-se audaz!
Palpitava-lhe a carne, e as roupas roçagantes
Laceradas eu vi por seus dedos brilhantes...
As roupas de freixel, em que ela própria jaz!

Nega o perfume a flor? e nega a flor o galho?
E o galho nega a planta? a planta nega o orvalho?
O orvalho nega a aurora? a aurora nega os céus?
Aonde a mente humana a dar consigo iria?
Negando a aurora o sol? o sol negando o dia?
Negando o dia a luz, e a luz negando a Deus?!

Quem o crê? — Salve, pois, ó belo alexandrino,
Que até podes conter em teu furor divino
A sátira soberba e irrequieta a rugir:
A sátira em teu colo altiva e reclinada,
Frandindo e desfranzindo a fronte anuviada...
E tu vitorioso, e sofrendo-a a sorrir,

Tendo na fronte a ruga, onde uhlam furores,
Nas convulsadas mãos os raios vingadores,
Na boca o teu rugido, ó sátira letal,
Eu te desejo atada ao verso alexandrino...
Bramar... rugir... morder... que seja o teu destino;
Que em paga aos teus desdems te faça ele imortal!

(O verso alexandrino é réplica à sátira de Faustino Xavier de Novais sobre este morto político. A primeira estância refere-se à poesia Aspiration, de Machado de Assis.)

1882 — (POEMAS).

TO BE OR NOT TO BE

To die, — to sleep;
To sleep! perchance to dream ay,
there's the rub...

Shakespeare — HAMLET

Morri. — Vivi? — Dois extremos,
Em que apenas flutuett!...
Que soube? Que fia? — E' certo,
Morri, sim! — Vivi, — Não sei.

Se do outro lado do túmulo,
Como aqui é, tudo for,
Troca-se o horror passageiro
Por um sempiterno horror.

Bonhos somente, e palavras:
— Palavras vãs, sonhos vãos,
Eis a riqueza que levo
Nas palmas das minhas mãos.

E bem ligeiro este fardol...
Mas p'ra onde o levarei?
Quando chegar além túmulo,
Tu sabes, Deus: — eu não sei.

Berço!... túmulo!... misterio!...
Nascer!... acordar!... dormir!...
Dois sonhos entre os dois berços...
E o imenso horror do porvir?

O berço chura, não fala:
Nada o túmulo nos diz!
Pois em que fonte se mata
A sede de ser feliz?

Aqui não... Além... Quem sabe!...
Problemas!... questões!... — O! morte,

Que mundos nos vão surgir?
E's acordar, ou dormir?

Fala lá, pois, já que a vida
Falar não sabe, ou não quer:
— O que há lá na Eternidade?
Não fala? e inda te ris?

Mostras os dentes sem brilho
De uma enxada: isso só?
Quero saber do infinito...
Cá into já sei que é pó.

De que esta incertez horrorável,
Não era melhor saber,
Que tudo acaba na morte...
Que enfim morrer é morrer?

Mas não se sabe!... E obra grande
"Sia nesta incertez, está!...
E um sêco interrogo a outro.
— Além da morte, o que há?

E um pavoredo silêncio,
Que tudo envolve em seu véu,
E a resposta da terra,
E a resposta do céu!

E sempre que à beira-túmulo
Vou meditar no porvir,
Pergunto em vão a essa porta:
Pra onde vai ela abrir?

Mas no fim das minhas dúvidas,
Mas no fim dos sonhos meus,
Vejo estender-se uma sombra...
Essa sombra será Deus?...

1874 — (POEMAS).

A S T R Ê S I R M ã S — LUIZ DELFINO

C'erono tre zitelle,
E tutti tre d'amore.
(Canto popular da Itália)

I

A mais moça das três, a mais ardente e viva,
Aquele que mais brilha
Quando, sorrindo, aos seus encantos nos cativa,
Eu amo como filha.

A segunda, que tem da pálida açucena
Aberta, de manhã,
A cor, o cheiro, a forma, a languidez serena,
Eu amo como irmã.

A outra é a mulher, que me enleia, e fascina,
E' a mulher que eu chamo
Entre todas gentil; é a mulher divina,
E' a mulher que eu amo.

II

A mais moça das três é linda borboleta;
Entra, abre as asas, sai!

Não compreende bem, não nega, nem rejeita
O meu amor de pai.

A segunda é a flor de essência melindrosa,
De rara perfeição;
Não sei se ela desdenha, ou se ela entende, e goza
O meu amor de irmão.

A terceira é a mulher: anjo, monstro, hidra, esfinge
Encanto, sedução;
Amo-a: não a conheço: é verdadeira, ou finge?
Não a conheço, não.

III

Se a primeira casasse, oh! que alegria a minha!
Eu lhe diria: Vai!
Veria nela um anjo, um astro, uma rainha
O meu amor de pai.

Se a segunda casasse, eu mesmo iria à igreja,
Levá-la pela mão:
Dir-lhe-ia: o céu azul virar-te aos pés deseja
O meu amor de irmão.

Se a terceira casasse, oh! minha infelicidade!
A mais velha das três,
No horror da escuridão, fora uma eternidade
A minha viuvez.

IV

Se a primeira morresse, oh! como eu choraria
A minha desventura!
Com lágrimas de dor lavara, noite e dia,
A sua sepultura.

Se a segunda morresse, oh! transe amargurado!
Eu choraria tanto
Que ela iria boiando, em seu caixão doirado,
Nas águas do men pranto.

Se a terceira morresse, em seu caixão deitada,
Sem que eu chorasse, iria,
Porque noutro caixão, o minha moria amada,
Alguem te seguiria...

1889 — (POEMAS)



Luiz Delfino aos setenta e nove anos de idade.



Retrato da maturidade de Luiz Delfino.



Luiz Delfino, aos treze e cinco anos de idade.

LUÍZ DELFINO, NA OPINIÃO DE SILVIO ROMERO

Luiz Delfino dos Santos, nascido em Santa Catarina em 1834 e ainda vivo, é, pela variedade e extensão de sua obra, o maior poeta do Brasil. Infelizmente suas inumeráveis produções andam esparsas pelos jornais e revistas. Não tem um só livro publicado.

Sua carreira divide-se em duas fases perfeitamente distintas: na primeira, que distende-se por mais de vinte anos (1855 ou 56 a 1879 ou 80) o poeta quase nada salientou-se, passando quase despercebido no meio da indiferença geral. Não é que lhe faltasse o talento para tornar-se de cho-fre tão conhecido e estimado quanto Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Laurindo Rabelo, José Bonifácio Casimiro de Abreu, Fagundes Varela ou qualquer dos outros seus con-terpares; é que o poeta, preocupado com as labutações de sua grande clínica, porque ele é um distinto médico, muito pouco publicou de suas composições daquele tempo e isto mesmo de longe em longe.

É o período de seu semi-condoreirismo. Mas de 1879 em diante as coisas tomaram outro aspecto: o poeta começou de afilar sobre o público as folas de seu escriptorio, e raro há sido o dia que não tenhamos admirado as suas notáveis qualidades de lirista no correr dos dois últimos decênios do século expirante. É o período "parnasiano". Num trabalho do gênero deste é impossível traçar a característica de um poeta como Luiz Delfino, tal é a variedade de sua produção. Contentemo-nos em afirmar-se ele de todos os nossos poetas sem dúvida, o de mais imaginação, o de surtos mais poe-santes, e talvez o de vocabulário mais rico. A primeira fase está bem representada em "Solemnia Verba", a segunda pode ser bem apreciada em "Angústia do Infinito". "Cidade de Luz" "As três irmãs" e duzentas outras peças de primeira ordem. Uma pequena amostra de estilo dentre as múltiplas manifestações desse talento:

Foi festa, e grande em toda a
[Cathedra],
Quando chegou, montada no ele-
[fante],
Viu-se em leve sandália de soffr
O seu pé de uma altura decum-
[brante].

Colhendo as sedas, sua mão ferida
Com luz nevada a multidão, desan-
[te].

Da qual e romo apenas desce-
[beira]
Na sombra do riquíssimo tur-
[bante].

Mas quando viram seus nevados
[selos],
Branços, riscados de azulados
[velos],
C'ronados de uma auréola de ra-
[belos].

— Ténues fios de estrela que ir-
[railla]...
Para não offendê-la a luz do dia,
Fugiram dela ao trote dos ca-
[melos].

(Livro do Centenário — 1900)

LUÍZ DELFINO, NA OPINIÃO DE VALEN- TIN MAGALHÃES

Um poeta extraordinário — pela pujança do pensamento, pela opulência da imaginação, pelo colorido oriental da lin-guagem, pela arte requintada do verso, pela fecundidade pro-digiosa, pela novidade que se encontra sempre, mesmo nas suas flores composições, na ju-ventude rosea e verde que res-piram os seus idílios e madrigais. Um jovem sexagenário e um poeta a valer.

(A literatura brasileira — 1870 — 1895)

LUÍZ DELFINO

(Trechos de um estudo)

GILBERTO AMADO

Da obra de Luiz Delfino, estudo apurado só o lográria com segurança alguém excepcionalmente ditoso para ter conhecido em sua opulência todo o oculto tesouro; ou, por igual, aquela que acompanhando as diversas fases da evolução do poeta, nas perações que atravessou, lhe fosse paracrutando nos versos pu-blicados as gradações do aperfeiçoamento e do declínio, o avo-lumar ou o deprimir dos relevos por onde se nos destaca a fei-ção estrutural do monumento.

Porá destes casos, o comentário crítico há de por força re-sentir da dissipação fragmentária, e ater-se a consideração dos trabalhos de mais notoriedade, de mais facil colheita, de mais temanescente impressão.

Destes, alguns ainda estalejam da forja vulcânica e dizem no chispas das faíscas, na pureza do timbre, na riqueza da con-sistência a solidez magnífica do bloco, donde saltaram.

Estilhaços do bronze nativo, que são como farpos de aurora, em que, em substância, se contem as mesmas energias perma-nentes da luz meridiana.

Por estadearem as virtudes características do poeta e tam-bem os seus defeitos nos dão a imagem da personalidade soliti-ria que pairou em meio século de vida literária com um esplên-dor saturniano e ante cuja grandeza passaram os movimentos das escolas, os vagos rumores das gerações como frêntos de nuvens na fase impassível da montanha. Não o modificaram, nada lhe deram.

Da personalidade de Luiz Delfino, ao que me dizem crêe-ças e amigos, o apurado feito em que a austeridade fraterni-za com a elegância, o desgarrar varonil com a doçura, deixam uma recordação de figura que não volta.

O retrato (saibam que nunca vi o poeta) revela-me um rosto olímpico, hipertrofiado em bossa de gênio, gritando no vigor dos traços, nos lábios grossos, nos olhos quentes, na expressão luminada a grande alma que dentro reserva. Dizem-me a enu-sidade entenebrecida o doce poema da sua vida familiar, as su-as ternuras de avô, as louganias da sua verde velhice refurrida em flamas, rosas novas, entusiasmos de bizarras que de enunm nos efemerizam em deuses ali na quadra arrogante em que a sangue nos galopa, desfiando incêndios na cabeça e no braço correndo em vigores bravios, donde nascem feitos que se re-guem depois com lágrimas... Dentre tantos primores, tocou-me a sua ingenuidade de herói, mansidão bíblica de gigante de tão tuacilas cores tonalizando a figura.

E com as mãos cheias de versos, triunfante, evoca-me um Heracles generoso trazendo de altanados fadigas para alguma deusa infantil, preciosidades imaginárias, constelações subma-rinas de coral, estrelas remotas, coisas maravilhosas.

Ainda de surpreender nas singularidades do temperamen-to essa precisão rítmica da vontade, essa autonomia de con-tenção acorrentando no cérebro durante vinte anos o impetu flamejante por submeter-se à regularidade ordenada, a uma dis-ciplina tão firme de hábitos profissionais que nele dizem antes a facultativo de vocação que o emigrado augusto do Parnaso.

Prova viva da sua infalível predestinação poética, essa vi-talidade do estro que noutro se teria solidificado no interesse ao se anulado na dilatada abstenção. E aí nos deixa com a sua obra, o exemplo de um heroísmo que não conta idêntico e ao qual nunca serão sobejos os louvores. Da geração gloriosa cujo triunfo é o triunfo da poesia no Brasil e de cujo seio ele torra-va sobranceiramente, uns esmoreceram, outros parecem en-ediados da vitória. Alberto de Oliveira, só, disturbanamente ape-leiçoa e engrandece a sua arte caprichosa. E que Luiz Delfino trouxa em si o fogo indomito da nebulosa a desagregar-se em mundos. Desfazia-se em estrofes como a luz em cores. Predes-tinação opima da árvore a florir, do coração a amar, da vida a multiplicar-se...

Dizendo da obra de Luiz Delfino, não aventurei novidade, afirmando-o o maior dos nossos líricos. Não timbro, porém, em cora-lo enquanto lírico, julgando tenuizar-lhe a aureola, como alguns que disto menosprezam, apoteosando em outros os ex-clativismos da técnica, as excelências do gosto e do culturantismo poético, as subtilidades realistas do pormenor, os expedientes re-quitados da composição moderna, a orquestração wagneriana, e bronze leontino, o mármore hereditário.

A Luiz Delfino não cabe, a bom dizer, nenhuma das de-signações taxativas, que são o flagelo do espirito irritantemente classificador pelo deparar frequente de todas as virtudes pecu-liares a cada escola num só vulto de grande poeta. Luiz Del-fino foi simplesmente isto — um grande poeta. Na parte da obra que lhe conheço não senti o rastro de estranhos, a mo-za de mestres, o sinal por que se traem os imitadores e de que se orgulham o prosélitos, Canones, não os assimila; e escolta, não os seguiu: ídolos nunca os adorou, senão aos arquétipos supre-mos; a Natureza, Homero e Shakespeare, talvez a verdade cuja eterna e límpida face em ambos, a espaços, resplandece.

Por muito dizer e não fugir ao processo entro nos habitua-les de paternizar os autores e impor influências, desconfiados per-manentemente das nossas possibilidades, poderíamos integra-lo na constelação hugoana, vinculando-o ao criador extraordiná-rio, pela consonância dos estros onde vibram todos os raios e se cromatizam todos os tons.

Porque Hugo é ainda hoje o grande rio em cujas abundan-tes e profundas águas se abeberam e se renovam muitos dos que deadenham do épico por vício de decadência, mas que lhe furlam as formas graciosas, o feltro diabólico das composições tequeninas, delicadas e complexas até onde se plasticizou o Titan.

De mim creio, contudo, que estas impressões de leitura não chegaram a predominar. Tão veemente era em Luiz Delfino a força de expansão, que não havia recalcá-la a influências ex-ternas.

Pelo estuar desenfreado da imaginação, pela límpidez inen-sa da vidência, pela vitalidade portentosa do estro, as imagens que me acodem por figurá-lo tem a imponência das grandes glórias do planeta — adormidas ou conflagradas — o céu tran-quillo ou o oceano atormentado. Ora, todas as trupeências do épico, ora todas as delicadezas do idílio, Homero e Tennyson



Outro retrato da maturidade do poeta.

A sombra de sua mão

Sai de uma alcova a passo lento e morno
Onde a deixei velando
A irmãzinha doente; olhei depois em torno;
O dia ia baixando:

O corredor escuro em meia sombra estava:
Ao fim descia a escada:
Na minha mão direita a mão dela eu levava
Ligeira e delicada;

A sombra da mão dela, a sombra fugitiva,
Porque eu sentia ainda
Rogar-me a sua mão quente, trêmula, viva,
A sua mão tão linda,

A sua mão tão branca, a sua mão macia,
Suave e setinosa,
Com unhas cor da aurora, e luz do meio dia
Nas hastes cor de rosa.

Quando só me senti, levei à boca ardente
A minha mão gelada.
E aí de sua mão beijei profundamente
A sombra perfumada...

LUÍZ DELFINO

Apreciações sobre os poemas de Luiz Delfino

Luiz Delfino é um dos grandes poetas da língua portuguesa, que admiram e estimam quantos sabem ler e sentir.

Clevis Bevilacqua

Não poderiam perder-se, dispersos em publicações efêmeras, versos de tanto fulgor e perfeição.

Alberto de Faria

Se há muito ajulzava da arte surpreendente de Luiz Delfino, por poesias esparsas pelas folhas literárias, nas quais predominava o lirismo amoroso, agora me foi dado admirá-lo, por outra feição, em que o seu gênio se patenteia em igual refulgência.

Silva Ramos

partes encontraram-se em seu espírito: reconhecem-se, abraçam-se, confundem-se.

Na verdade, poeta verdadeiro não há que o seja exclusivamente lirico, exclusivamente parnasiano, ou exclusivamente realista, e isto porque, se os parnasianos "prenham la chose entantant et la montrent", não a isentam do elemento subjetivo da sua visão. Para mostrá-la, é preciso vê-la. Por outro lado, os simbolistas, fugindo da "idéia em si", tornando a "forma sensível" para "criar o mistério", não podem privar a idéa das "aparências exteriores", como dizia Moreas e, portanto, ajustar-lhe uma correspondência não já sensorial, mas sentimental ou emocional, se quiserem, com a realidade.

Inevitável seria poesia puramente descritiva ou colorista, como também puramente emocional ou intelectual.

Imaginem em versos Pierre Loti, que "regarde pour voir, simplement"; ou Frédéric Amiel, para quem "le monde n'est qu'une allegorie; l'idée est plus réelle que le fait"; e cujo espírito "est le cadre vide d'un millier d'images effacées". Seriam e não seriam. Num, a inércia espessa das cores; noutro, a inércia da forma do abstrato.

Por outro lado, ponto em que eu quisera que se fizesse atenção é o que permite distinguir entre a eloquência e a poesia. Dentro de certas ressalvas, os clássicos franceses foram eloquentes, os poetas, os românticos. Em Garret, Herreulano (não falando em Castilho que era virtuosidade e léxico) há mais eloquência do que poesia.

Na Espanha, de poetas, Quevedo; os outros, tenho-os em grande ponto, por variações rimadas de Castellar. Em d'Annunzio não escasseiam páginas em que a eloquência sobremona o estro.

Em Luiz Delfino a eloquência pode faltar (e falta muitas vezes), mas nunca supre a emoção. Esta enche os versos como raios os renovaos das frotas. Certos trechos conhecidos, transbordam alma, irradiam calor.

Por isso, mais que nenhum outro, ele repercute, suscitando venerações aos admiradores, criando-lhes, pelo prestígio da imaginação, almas-ferras de magia, onde os evritos, galvanizados ao fogo transfigurante, julgam atingir, no êxtase, o esqueço refúgio das origens, o solo desejado da perfeição...

Resta-me falar da língua em que tais belezas se propagam. A expressão poética partilha dos defeitos e virtudes do temperamento: exuberante, imperfeita, movimentada, sonora, variada como o próprio estro, como os temas diversos da obra, como as imagens que traduz, como os matizes da idealização afetuosa da poesia. De tão rica, espontânea, original e cheia de inesperados, surpreendentes e relancos um pesquisador imperfeito de raridades. O poeta não tem processos fixos de composição. Rimas, nunca soluçou, procurando-as. Elas lhe aparecem numa abundância de enxame. Nunca se lhe sente no estilo um assalto violento da luta, o drama do artista com a língua no esforço de lhe arrancar todos os segredos por interligar pela justificação da expressão os exotismos do assunto, a ânsia do vocabulário, a consubstancialidade da idéa. Quando atinge o eufem, vê-se não há esforço, como um ditoso Sisifo. A estrofe desorganiza-se de pronto e a rima corre para ele como uma amante fatigada. Daí imperfeições, impurezas, empecos que põem nos que tem com paixão o pavor de um encontro desagradável, de uma

teperança estorvante, de uma aresta desfiguradora. E não raro nos confundem cousas extravagantes, verbos disparatando da significação emprestada, clareos rápidos, ofuscantes de tintas, que sombras inesperadas enturvam e no correr das estrofes, em poesias de vulto, um espalhar de assuntos onde a unidade falha e a imaginação por vezes perde asas e rasteja...

Um verso claro, perfeito, aviva, pelo contraste, uma rápida dissonância. E o sublime a tropeçar no grotesco.

Então, cousas de enlouquecer puristas, boêmias, irreverências, arbitrariedades em que parece recrear-se, por desfastio, a indolência grave do gigante. Saem daí essas lâmpadas, "a gorgear", figuras abstrusas, cousas bárbaras e algumas vezes, adaptações aberrantes da indole da palavra ao capricho revolucionário do poeta. Furto-me à colheita de amostras. Não são poucas.

Fechem olhos, porém, a minudências e os distendidos pela vastidão estonteante das belezas prodigalizadas.

E um deslumbramento de meio-dia, onde todas as cousas parecem dançar em luz.

Vê-se, então, a língua tresvoitar em todos os movimentos, latundir a todos os ritmos o sopro profético do gênio. No cenário de magia, passa um delírio de imagens. Todas as atitudes da alma, do mais alreos galanteio à imprecação mais tempestuosa; do mais terno ciclo de volúpia ao mais desvaído stranco de desespero.

Nesta grande musa conciliam-se todas as delicadezas: atitudes de Prometeu e gestos musicais de criança. Na grandiloquência da orquestração parece ouvir-se o embalar de oceanos, despenhar de penhascos, tessões de floresta a interpretar pela onomatopéia os dramas eternos da alma e da vontade humanas, onde se reproduzem os conflitos do Cosmos engrandecidos pela dor e por ela sublimados. As gradações, ali, não se extremam, que todas sobressaem no referver portentoso do estro.

Aqui uma arenda sinfônica em que morre um mundo, trensú moribundo onde as forças da vida se extinguem num al de Schubert e, de improviso, choifando a dolorida pausa como um grânio de passarada às Ave-Marias, alacres musicais de Espanha, promove os ajeis, metais tintinantes: enchendo em gravidade, diz as alegrias minúsculas do lar, clariades de bemaventurança, cousas suaves e límpidas, arreboas de verão, devaneios leves da mezanite, frescuras de faces, rosas... e, por fim, avolumando-se em estridor sobre a retumbância, onde se adivinharia o estronco do coro dos Eumenides nos espaços oscilantes de Ariosto, outros ribombos, polifonias de mundos conflagrados.

E com os sons também os movimentos inumeráveis a despartarem na própria combinação vocábular a impressão visual das imagens. Estrofes em que eu sinto um lento mover de águas abundantes; outras que me dão, ao vivo, no desencontro das vírgulas, a precisa sensação de um bracejar de árvores frenetizadas em ventania, disparadas triplicantes de cavalos de guerra, furiosos na caverna, e engrandecendo em trágico, numas, sinto a carreira de Lear, na procela, imprecação; impressão que logo se embrandeece num oscilar de náus em mansas mares, num ascender de pastor pela montanha, e que adiante se retoca e cêna numa graça tenue de espiral onde o sonho vai, num cair melancólico de folhas, num pender langue de mulher em sincope de amor...

Tão definitiva era a sua vocação estética que culminava pela espontaneidade a percepção complexa de fatura, que requintam os nossos grandes parnasianos.

Luiz Delfino na apreciação de Agripino Grieco

Panteista voluptuoso, não se parava a mulher da natureza. Para ele, a ninfa estava dentro da casca da árvore e as espumas eram o claro riso das ondículas. Suas imagens de amor repousam sempre — e com que opulência ornamental — em visões da terra, do ar e do mar. As florestas, as cordilheiras e os oceanos agitam-no. Vêdo por excelência e também bíblico, sacudia-o o espírito das largas epeas e indolúveis resúdos bárbaros persistiam em seu sangue de civilizado. Um pouco, em seus versos, de dança marabá, de confusão apocalíptica. Cavalgatas de amazonas belicosas, mas também ingenuidades e temores do primeiro homem na primeira manhã do Eden. Auroral, ambrosíaco, possuía qualquer coisa de um bardo celta comprimido em sonetos. Esse cantor magnífico, que via a primavera puxada num carro de flores e flamas, dava ainda a impressão de viver, como um fauno, no mato nutrido-se de frutos selvagens. Mas da boca fauneca saíam versos de esforço de carnes dulcificados por uma ternura quasi inmaterial.

Em suma, esse visionário, vidente de visões plásticas, rendilhador de arquiteturas bisarrias, poeta mudável e ondeante, não trairia a predominância dos sentidos sobre a sensibilidade? Sua alegria, sua exuberância não foram simplesmente voluptuosas? Não se lhe percebe certo gosto suspiro pelas meninas tenras, a atração pelos frutos verdes meio ácidos, pelas garotas que tem a idade da aurora e cujo pudor é uma provocação à lascívia? ("Evolução da Poesia Brasileira". Págs. 48-49).

SOLEMNIA VERBA - LUIZ DELFINO

A ESPANHA

Esta é a verdade:
E vós todos deveis reconhecê-la.

HOMERO — *Ilíada*, canto XIV

Revolta a entranha, gotejando sangue,
Poluta a carne, rota e palpitante,
Olhos sem lume, o corpo inerte e exangue,
Lacerado, qual tronco de gigante,
Que o raio lassa, e que do vento a sanha,
Dai to a baixo derroca da montanha...

Nas vascas da agonía a Espanha estava!...
Embalde a liberdade austera e honesta
Mascara força e um novo ardor lhe dava...
Quer erguê-la... bradaram-lhe: — Não presta. —
Mas... vem um rei, abate-a; e (cousa estranha!)
Bastou: — tá viva! ressurgiu a Espanha!...

E' ela!... vêde-a... é ela!... Embraga o manto,
Que pela espalda lhe cae longamente;
No olhar... prazer, enleio, orgulho, espanto:
A régia c'roa lhe ilumina a frente;
E por meio do povo, que é-lhe espólio,
Rasga a estrada do Appio ao Capitólio.

Para saudar o império, que surgiu
Dentre as brumas da aspríssima tormenta,
Que inda montes e vales envolvia,
A primavera festival rebenta.
E, espedaçando o manto das neblinas
Ergue a fronte enolada de boninas.

Iris de paz atou o céu a terra,
Chou no campo o himno da charrua,
E o clangoroso som da voz da guerra
Por vales, montes, serras não estava:
Rim-se as esperanças e os desejos,
Músicas brincam pelo ar e harpejos.

Há como o esvoaçar do anjo da glória
Desde os seus Pirineus no Guadarrama!...
Que folha se voltou a sua história?
E esse herói, que a voltou, como se chama?
Que *Ilíada* essa mão recém-chegada
Val escrever na página voltada?

Das velhas catedrais nos campanários
Uns gigantes molossos bronzeados,
Negros espectros, feios, legendários,
Ladraram de alegria ou de assustados,
Interrompendo o seu profundo sono,
Porque subia Afonso XII ao trono.

Longos reptis de bronze ajoelhados,
Como leões a um domador de feras,
Nos seus molhões de ferro acorrentados,
Com carcereiros de feições severas,
Saudam roucos, com a população,
Ao último que os doma, e os vence e passa.

Em Madrid os altíssimos senhores
Pompejavam líbrs de várias cores:
Como um riso de Deus o sol brilhava,
Farrava o céu um céu de galhardetes,
E entre gritos, repiques e foguetes,
Ria-se austeramente a Calatrava!...

Os cantores de todas as vitórias,
Os servos vis de todos os traidores,
Turiferários de fictícias glórias,
Beijando o pó dos pés aos seus senhores
Só estes veem a vida, a paz e flores
Onde os mais veem grilhões, miséria, horrores.

Mas onde andavas tu, ó linda escrava?
Por onde e em que dourados devaneios
Por um momento rugidora e brava
Ensanguentavas teus formosos seios?
Qual era a tua ideia e o teu caminho,
Nua, descalça, rota, e em desalinho?

Descabelada, em líbrica loucura,
Grande, como uma estranha divindade,
Palpando as trevas de uma noite escura,
O que buscavas tu na liberdade?
Por onde, escrava de cem reis, tu voas,
Setros partindo e espedaçando c'roas?...

E tropeçou nas c'roas dos senhores!...
Tropeçou nas espadas dos bandidos;
Tropeçou nas bandeiras multicores;
Nos punhais dos seus príncipes vendidos!...
Em cada passo o abismo escancarado,
E em cada abismo um grito do passado!

Como em hartos rochedos seculares,
Tropeçavam seus pés nas catedrais!...
E amodando os vasos dos altares,
Moldando em arma os bronzes colossais,
E os buréis, como lábaros brandindo,
Ant'ela os monges foram-se reunindo...

Foi-lhe barreira a Igreja, o padre, o monge,
Os escritas da lei degenerada;
E a pobre liberdade ia de longe
Vendo a cruz do calvário elevanda...
E a louca multidão, que alem se espalha,
Ela ouvia bradar: — Crucifical-a!

Um povo repassado da ferrugem
Das cadeias e tendo a alma vincada
Dos velhos elos, como as vagas mugem
Quando se alteiam na procela irada.

Ergueu-se; e as roucas vozes ecoaram:
— Que é dos nossos grilhões, que nos roubaram?

Surgiu embalde a voz onipotente
Sobre o murmúrio desse ingente mar:
Como o rugido do leão tremendo,
Passou a voz de Eulbio Castelar.
— Vai com teus sonhos, o povo, o povo,
Nossos grilhões... nossos grilhões de novo. —

Armada sentinela do futuro,
Imovel, como estatua num rochedo,
Via sem odio, sem paixão, sem medo,
Em convulsões do povo o mar impui...
E na tremenda agitação que lavra
Da boca sai-lhe um sol: — era a palavra.

Aquele mar que cresce, ferve, estua,
Como leão nas jaulas indomado,
Ele arremessa a voz candente sua,
Como um ciclope um monte derrancado:
E monte a monte — Enclauda moderno —
Cai dentro desse mar seu verbo eterno.

— Vós, que vendeis a vossa liberdade,
O que sereis na história? O que ser há-de
Quem sem pejo a alma vende, um monstro enorme,
Cabeças a milhões, e um só molosso,
Que embriagado sobre o sangue dorma,
Inda a rugir famélico de um osso.

Erguei-vos povos, ergue-te nação;
Crava os olhos no espaço luminoso;
Tu és a força, o indomito leão,
Porem na jaula, e em sono vergonhoso:
Falta-te a ideia, falta-te a vontade...
Tens a força e não tens a liberdade!

Só daras uma prole corrompida,
Terra da Espanha? terra grande outrora,
Quando pagava independência e vida,
E enchia a história do clarear de aurora,
E enchia o mundo de fulgentes brilhos!...
O'! Espanha, onde estão teus grandes filhos?...

Evoca... Rasga as pedras tumulares,
Quebra o ossário dos teus velhos soldados,
Ergue o lençol dos anos seculares,
Enche as criptas pontadas dos teus brados,
Chama, invoca outra vez, ó povo ingrato...
Responde o Cid?... Acode o Viriato?...

Os grandes capitães não veem. Passaram...
Não tens direito mais ao teu reclamo;
Dormem. Podem dormir, que trabalharam;
Pátria, que ainda assim mesmo, eu tanto amo,
Porque enfim mesmo assim envelhecia
Es minha pátria, oh! eu te devo a vida.

Por que não fundaremos na justiça
Um grande império... — Castelar bradava! —
Temos sido o repasto da cubica;
Espanha, deixa enfim de ser escrava:
O'! pátria de minha alma, Espanha minha,
De ti mesmo levanta-te rainha.

Acabemos de vez a vil tutela,
Dos que se creem legítimos senhores
De vós, soberbos filhos de Castela;
Fujam de vez os velhos opressores,
A lei por vós formada e vós acelle,
Seja o único rei que se respeite.

Bela esperança que o porvir nos doura,
Bereço, ninho de amor, que nos embala,
Mimosa e doce como a moça loura,
Que nos fereos filhos com carinho fala,
Ama-te o velho, adora-te a criança,
Belo sol de alegria e de esperança.

Não temais, reis do mundo, o gládio delas!
Não é a liberdade algoz tremendo;
Como o sol passa em horas de procela
A face d'ouro em nuvens escondendo,
Mas sempre sol e rei da imensidade...
Assim é ele... o sol da liberdade...

Vejo-te, Espanha, soberana e bela,
Ao banquete da paz chamando os povos,
Firmado enfim galhardamente nela
A conquista dos teus direitos novos...
Viva a paz, que enrrandee e que consola...
E' a paz a — República espanhola.

E o que é a paz? Sabei, ó espanhóis:
E' o vosso salário ao lar fruído,
O campo roçado, o filho instruído...
São estes os pacíficos heróis,
Que hão de renhir batalhas a miséria,
E a luz plantar nos coruchéus da Ibéria.

E a luz? Sabei que luz vem dar-vos dia,
Que sol, mais sol que o sol vem dar-vos luz...
E' a ciência, amor, amparo, nuno,
Beijo de irmão a irmão, força, alegria,
Eis, hepanhóis, a liberdade, a glória,
E aos pés da Espanha o espólio da vitória!

Vamos dar este escândalo ao passado:
Levantar a mulher, dar luz à infância,
Mais do que o cetro enobrecer o arado,
Lançar a noite imensa da ignorância
A afronta das auroras às mãos celtas,
Fazer ao fato o insulto da ideia.

A calúnia da luz à treva é bela!
A cada passo a estrela de uma escola,

E a alma do povo a iluminar-se nela!
Morta a miséria, um sonho a mão que esmoia;
O cadafalso e o cárcere, utopias,
Temos na mão o sol que tem tais dias!

Nada desse consórcio infame e impuro
Do rei com o povo — do leão com a ovelha —
O cobarde traidor, que t'o aconselha,
Sacrifica à ambição, vende o futuro,
Douram-te os ferros, e com riso ameno,
Lançam-te o pomo de letal veneno.

Foge a ameaça eterna aos teus direitos,
Ao símbolo da força e da vergonha;
Ao rei leão, que faz que dorme e sonha
Lançar-te as garras aos hercúleos peitos,
E a água popular quando agrilhoas,
Diz-lhe: — Kátis livre e o espaço, é grande, vó...

Essa voz, como pedra preciosa,
Que cai na vasa da maré enchente,
Erra na confusão tumultuosa,
Daquela pobre, envilecida gente;
E, como o mar, que bate nas areias,
Ela sacode o ferro das cadeias.

Grito de indignação, como a torrente,
De chama e lava irrompe da cratera,
Procelosa, medonha, incandescente,
E os tremendos reflexos reverbera,
Por largo espaço derramando o espanto,
Grito de indignação enche o meu cauto.

Oh! como ela, que devora os montes,
Convulsa a terra, os barrocais niveis,
Forra de cinza rubra os horizontes,
E diz enfim — eu chamo-me a procela —
Eu sou a boca que vomita a chama...
Grito de indignação irrompe, brama.

Dê-me a justiça cóleras divinas,
Com que amarre ao meu canto e agoite um crim
E, arrancando das lígubres sentinas,
Aos olhos das nações arroje e exponha
Aquela que sem pejo e sem vergonha
De ser livre e ser grande enfim se extima!

Que sangue goifa dentro dessas veias?...
Sangue já não; infame é só, cobardes:
Chama do heroísmo antigo já não ardes!
Sol da glória, em que estranhos céus vaguieis!
Que infatório, ó traidores!... E vós todos
Netos sois de celiberos e godos!...

Pesa-vos menos o punhal que a lança!...
Nunca a vossos avós pesou a espada
Tinham na argentea lâmina guardada
Honra, fé, lealdade, ardor, pujança,
Dormi, para não ver tanta miséria,
O' Virintos da gloriosa Ibéria.

Tu mendigaste o opróbrio, ajoelhada,
Velha ulcerosa, às portas do Ocidente!
E a Europa, e a terra viu-te consternada,
Como uma estrela morta de repente!
E de um mau sonho na convulsa insanía
Lançaste o pensamento a Lustânia.

Entre as columnas de Hercúles atado
Deixa esse povo a sua própria algema,
Depois de mundos ter ao mundo dado,
Depois de muitos séculos de glória,
E' um colosso dentro de um poema,
Resta-lhe ainda a universal memoría!

Para a torrente que espumosa desce
Da nascente dos séculos, que fuma,
Rola, esbraveja, encruva-se, recresce,
Retrocede, e com impeto uma a uma
Suas ondas rolando por desvios,
Por sendas variadas, se laceram em rios...

Para lançar a popular torrente
Num mesmo leito largo e grandioso,
Tu só podias (mas só tu), eu ousei
Dizer, ó alma da razão potente:
Tinhas um gesto e um som de voz severa,
Para dizer à humanidade: — Eu quero.

De velhos bronzes restos mutilados,
Pelo universo esparsos largamente,
Era lança-los todos enfim, ó
O' liberdade, em tua forja ardente,
E ao fogo teu no teu modelo novo,
Fundir os povos num só grande povo.

Para o homem as nações não são barreiras!
Há hoje um só lutar, uma campanha;
E deve ser o lábaro da Espanha,
E' a divisa das nações inteiras,
E' a lei que dirige a humanidade,
— Deus — o ideal, — o meio — a liberdade!

E' esta a nossa fé, a nossa crença,
Esta é o se'cto a religião sublime;
Quem fugir desta lei comete um crime,
Nega a Deus, nega a luz, não crê, não pensa;
Bonzo, fogueira, e inferno e gemonias
Passaram... com sombras fugidias.

Da vil hipocrisia a voz estulta
Inda se houve grunhir da velha história,
Inda no pó dos séculos sepulta
Não tá de todo a tática memoría!
Gai dos impérios a marmórea esmola
E de bairros inda, e a tiza esmagada!



LUIZ DELFINO, NA OPINIÃO DE ALBERTO DE OLIVEIRA

"No que toca a Luiz Delfino acredito ou não haver eu bem expresso ou não ter eu bem reproduzido o meu pensamento. O que basta, talvez, a excusar o grande poeta da impressão desagradável dada por algumas páginas de "Algas e Musgos", é saber-se que ele, o autor de "Gaivotas", não revia ou corrigia os versos, pois, como Álvares de Azevedo "odava o pó que deixa a lina"; produzia muito, incansavelmente, e natural, e tivesse, às vezes, horas menos felizes de composição. Dai haver em seu acervo poético, trabalhos inferiores, descaídos e até de mau gosto de idéias e expressão, ao lado de muitos ótimos excelentes, admiráveis. Certo, Delfino faria escrupulosa seleção de suas produções, se os tivesse de dar em volume. A publicação, infelizmente, veio póstuma. O illustre filho do poeta, meu amigo dr. Tomaz Delfino, resolveu, contra a opinião de alguns homens de letras devotados à memória do autor de tanta obra prima, dar à publicidade integralmente, sem escolha nem correção, o tesouro literário que lhe coube guardar. Esta a razão das páginas somenos ou fracas de "Algas e musgos", onde, não obstante, e ao contrário do conceito que v. me atribue, de serem poucos os sonetos maravilhosos, não é escassa a quantidade dos verdadeiramente belos e admiráveis."

"Trecho de uma carta de Alberto de Oliveira a Gonçalo Jorge, publicada no "Jornal do Brasil", de 31-3-1927).

Um conceito de Medeiros e Albuquerque sobre Luiz Delfino

Mas, em outro ponto, sabia ser de infinita leveza e delicadeza. E esse, por exemplo, o caso de uma das poesias que ficou clássica: "As três irmãs".

Foi em Porto Alegre, de volta da Argentina, que li seu recado do poeta, no magnífico estilo de quem professa, sobre um poema que o grande Mucio Leão lhe mostrara... Não tive mais oportunidade de ler a A MANHÃ, mas creio que até hoje ainda não se fez um suplemento tão completo e tão sério entre nós. Aliás não se compreenderia que assim não fosse, pois como método literário, Mucio Leão é um dos princípios em nossa desordenada literatura... Mas, voltemos ao recado do poeta. Você tem razão, meu illustre Afonso Arinos, é preciso que ele volte a Minas. E ninguém melhor do que você para convidá-lo... Há longos anos que deiressa nossa saudosa Belo Horizonte, e aqui, onde a medicina me absorve diariamente o tempo e a atividade, pois seria um crime parar o trabalho em São Paulo, não tenho acompanhado a saudade que me desperta a recordação da vida na então novíssima "Folha de Minas", com a leitura continua de sua evolução. Sinto-o e instino-o, pois eu que não sou poeta, que não sou artista, que não sou historiador, também preciso voltar a Minas. Insista meu amigo, para que o nosso conterrâneo volte e veja. Pois, só assim poderemos compreender melhor aquela alma fria de Carlos Drummond de Andrade.

UM SONETO DE LUIZ DELFINO EM ESPANHOL

(TRANUÇÃO DE ALVARO LAS CASAS)

CADÁVER DE VIRGEM

Dentro del ataud como en un lecho,
palidamente fria, adormecida,
asi la vi: las manos sobre el pecho
y en los ojos sin luz el sol sin vida.

Apretaba sus piés un mudo estrecho
y la ropa de seda, bien vestida,
dibujaba su torso muy derecho
y realizaba su cara dolorida.

En las sienes el símbolo de Vesta
y entre los dedos lirios, adornada
como novia... vencida en plena fiesta.

Eis potros blancos, la carreta elada...
Dónde adormeceras tu larga siesta
en aquel lecho en que te vi acostada?

UM COMENSAL DOS DEUSES

— MUCIO LEÃO

Ele foi um largo espirito, com um sentimento profundo de lirismo, mas de um lirismo quente, apaixonado, violento, às vezes, um lirismo que recorda, aqui e ali, o sensualismo do "Cântico dos Cânticos", mas tendo a delicadeza de certos epigramistas gregos, um Meleagro ou um Leonidas de Tarento; e foi, também, um apaixonado de todas as grandes tragédias humanas, um rhapsodo dos deuses, um comensal dos heróis, alguma coisa como a veste antiga, que trouxesse a

alma cheia do sonora clamor de não sei mais quantas epopeias, para com elas nos fascinar no triste mundo contemporâneo.

Um artista, um escritor, se define maravilhosamente, melhor do que o poderia fazer qualquer critico, mediante o simples emprego das palavras que prefere.

Luiz Delfino tem estranhas grandiloquências em seu vocabulário. Seus sonetos, são cheios de sóis, de estrelas, de astros, de mares, de deuses, de leões, de oceanos, de epopeias, de tur-

bilhões, de nuvens e de raios. Ele multiplica as imagens feéricas, com a facilidade quase mecânica de uma criança jogando para o espaço as bolhas de espuma que vai soprando com um canudo.

Diziamos que, em suas horas melhores, há ninfas que lhe sorriem, escondidas em astros distantes. E não há herói, não há guerreiro, não há santo que deire de lhe dar um osculo de amigo ou de irmão. A aurora lhe dá centenas de comparações: uma menina tinha a idade da aurora; a mulher amada talvez lhe haja de pedir um dia a aurora; a sua amante é a mais velha irmã da aurora. As estrelas colaboram no seu grande e lírico amor. Quando a sua amada passava, acordando ao galope as rochas brutas, olhavam-na as estrelas inquietas; para celebrar a doçura do seu idílio, as estrelas tem no céu danças estranhas; sua namorada veste uma purpura de estrelas guarnecida; o ascelo que o deslumbra é bom para andar num carcere de estrelas; o seu Camêes, para escrever o poema imortal dos lusitanos,

devia ter colhido estrelas luninosas...

Amã, também, os grandes sonhos de outrora, o deslumbrante heroísmo dos argonautas e dos conquistadores, tudo o que constitui a maravilha da eragem, a sublimidade humana. E seus versos são cheios de galéres, cheios de galeões, de toda a poesia sugestiva das velhas eras conquistadoras.

O sol, estrela central do sistema, é uma frequente epocação nos seus versos. As vezes, que ele canta, falam no sol nos seus estrofes, há loureiros nua sãos, há sóis e mais; recordando o beijo da mulher querida, ele pergunta ao sol para que lhe servira a luminosa claridade: suas pupilas veem num quadro de Dante sóis negros chapando em meio da tormenta.

E tudo aqui uma argia notável, uma embriaguez dionisiaca, imensa.

Fatigado dos sóis, das estrelas, dos abismos, ele vai às alturas superiores, invade o reino sereno dos próprios deuses. Há, no céu que ele contempla, deuses de emboscada, nomeados os olímpicos, com o sono de que eles postam supremacia as carícias que trocam com a morada: deuses e sóis, pássaros, passas sem vênas; sonha oprimidos colossais de deuses prateados; enxada deuses que não pelo espaço; e, enfim, quando ama, apaixonado, verifica que

Deuses e deusas turbulenta mente
Passam a rir no laranjil do
treito...

Para o poeta, tudo isso é mesmo. Ele vive dentro de uma constante magia, dentro de uma alucinação deslumbrante. E tudo isso é natural para quem, dia a dia, hora a hora, tem a familiaridade e o contacto dos deuses — para esse alma que pelos sóis com danças priva.

A LUIZ DELFINO — Raimundo Corrêa

ABANDONAS AS VEZES A ALTA CRISTA
DO PUJANTE HIMALAIA, ONDE TE ENTONAS;
O ESTHONAR DO NIAGARA, E AS VERDES ZONAS,
QUE, DE TÃO VERDE, FAZEM MAL A VISTA.

OS AMPLOS CEUS E O LARGO AMAZONAS
ELVAS RASGANDO EM TRIUNFAL CONQUISTA;
E POR ASACHEONÉ, ESQUILLO-ARTISTA,
DO AR BAIXANDO, EM PAÍRAS ABANDONAS...

E EM VEZ DOS GRANDES RIOS BUSCAS, PORTA,
O ARROIO, EM CUJAS PLACIDAS E AMENAS
BALNAS SOLUCA A NOITE, O FOIXINOL.

CUJAS MARGENS SETEMERO EM FLOR MANCHETIA;
E EM AGUAS SOLHA O CINSR AS PENAS,
E AS CORCAS VEM REBRIR, AO POR DO SOL.

RECADO AO AFONSO ARINOS

tenda. Com aquele ar impassível de funcionário resignado, ma-pelo forte, o poeta é quase uma "recordança dela mia giu-ventu"...

E foi há quase doze anos que você também voltou às montanhas! Na oficina de trabalho que era seu jornal não tive ocasião de entrar em intimidade com o novel diretor, que ali iniciava a mais inteligente e brilhante carreira jornalística da época. E eu, apenas, um repórter ajoito e apressado, fui passando sem ter tido convívio. Ficou, meu caro sociólogo, o exemplo daquela seu extraordinário "Grão de Areia".

Li com prazer que sempre tem voltado à boa terra, pois precisamos gritar ao incompreensível cantor de "Sol de Vidro", que é uma grande mentira esta história de "que não há Minas".

Volte Carlos Drummond e verá!

Ele está se esgotando diante do amontoado de papéis que o Ministério lhe dá para despachar. Eu temo que ninguém o entenda. Com aquele ar impassível de funcionário resignado, ma-pelo forte, o poeta é quase uma "recordança dela mia giu-ventu"...

E foi há quase doze anos que você também voltou às montanhas! Na oficina de trabalho que era seu jornal não tive ocasião de entrar em intimidade com o novel diretor, que ali iniciava a mais inteligente e brilhante carreira jornalística da época. E eu, apenas, um repórter ajoito e apressado, fui passando sem ter tido convívio. Ficou, meu caro sociólogo, o exemplo daquela seu extraordinário "Grão de Areia".

Li com prazer que sempre tem voltado à boa terra, pois precisamos gritar ao incompreensível cantor de "Sol de Vidro", que é uma grande mentira esta história de "que não há Minas".

Volte Carlos Drummond e verá!

Ele está se esgotando diante do amontoado de papéis que o Ministério lhe dá para despachar. Eu temo que ninguém o entenda. Com aquele ar impassível de funcionário resignado, ma-pelo forte, o poeta é quase uma "recordança dela mia giu-ventu"...

E foi há quase doze anos que você também voltou às montanhas! Na oficina de trabalho que era seu jornal não tive ocasião de entrar em intimidade com o novel diretor, que ali iniciava a mais inteligente e brilhante carreira jornalística da época. E eu, apenas, um repórter ajoito e apressado, fui passando sem ter tido convívio. Ficou, meu caro sociólogo, o exemplo daquela seu extraordinário "Grão de Areia".

Li com prazer que sempre tem voltado à boa terra, pois precisamos gritar ao incompreensível cantor de "Sol de Vidro", que é uma grande mentira esta história de "que não há Minas".

Volte Carlos Drummond e verá!

São Paulo, 15-II-1942

ORSINI GIFFONI

A ORIGEM BRASILEIRA DE TOMAS MANN

Se um escritor desagrada à Alemanha nazista, dizem dele que é judeu ou de origem judaica. Isto fecha a discussão e torna superflua uma refutação difícil. Quando Laxness, o maior romancista islandês, cujas obras foram vertidas em quatro ou cinco línguas, me visitou em Paris, disse-me que os nazistas lhe haviam pedido, a ele como a outros escritores "nórdicos", a aprovação escrita das doutrinas nazistas. Laxness, anti-nazista convicto, recusou. No dia seguinte seus livros foram interditados na Alemanha e ele mesmo declarado judeu. Pretendesse, de modo idêntico, nas fileiras nazistas, atribuir-se origem judaica a Tomas Mann, incontestavelmente o primeiro prosador de língua alemã e, ao mesmo tempo, protagonista na luta cultural contra a barbárie moderna. A ser exato, não iria,

nemhum deshonra nem para ele, nem para os judeus. Não se envergonha a literatura francesa por ser Montaigne, uma de suas maiores figuras, de origem judaica-portuguesa. Tomas Mann, que nada tem que ver com o judaísmo, é, pelo lado materno, de origem luso-indiana. Sua mãe, Júlia da Silva Bruhn, era filha de um plantador alemão no Brasil, por nome Bruhn, que se casara com uma Senhorita da Silva, filha de um luso-brasileiro e de uma índia oriunda dos rincões brasileiros. O poeta, pois, tem, da parte dos seus antepassados, sangue português e indígena.

Júlia, brasileira nata, deixou o Rio de Janeiro, sua cidade natal, aos 6 anos e fez seus estudos na Lanskéitza Luebeck. Nunca sentiu grandes saudades do panorama e dos céus cariocas, nem mesmo no clima seve-

ro da Alemanha do Norte, já que, apenas mal se recordava da baía de Guanabara e, um pouco menos, difusamente, de uma cobra enorme que a ameaçava e que um negro abatera. Em Luebeck, Júlia esposara o senador Mann, pai do poeta e o segundo prefeito daquela Cidade de Livre. A senhora Júlia Mann adorava a música, tocava piano e cantava agradavelmente Chopin, Schubert, Schumann eram os seus compositores prediletos. Parece que o temperamento, o arroubo e a imaginação entraram, com esta crioula, na família daqueles comerciantes retraídos, frios e dificilmente acessíveis.

Tomas Mann amava sua mãe brasileira como só pode amar o filho de um poeta. Um de seus últimos romances: "José

e seus irmãos", encerra mais de um lance de amor filial. Nunca fez o retrato de sua mãe, o que, também, se observa com Goethe que, aliás, devia quase tudo à portentosa "Senhora Aja". Há, na alma do homem um recanto, o "Sacratissimo" onde, com o grão-sacerdote, só se penetra de longe em longe. Parece que nos "Buddenbrooks", biografia romancada da família Mann, a senhora Gerda e, na novela "Tonio Kroeger", a mãe de Tonio, emprestaram qualquer coisa de suas fisionomias, à mãe do poeta. Ambas são belas, introduzem a música no seio das famílias comerciais e dão como que uma feição artística ao ambiente burguês. Muito moça, ainda, em 1892, Júlia Mann enviuvou, deixou Luebeck e passou a residir no sul da Alemanha, em Munich.

Amava a Baviera e suas montanhas que ela bem conhecia de suas temporadas na estância termal de Krenth. Tomas, que contava 15 anos quando o pai morreu, acompanhou-a ao pai-son que Enr-que, o irmão mais velho, entrava, como aprendiz, numa livreria de Dresde. Júlia Mann veio a morrer em 1923. Pôde alegrar-se com a glória acidental de seus dois filhos, rebeles, também, no país natal de sua mãe.

O índio brasileiro, cuja influência no desenvolvimento das idéias europeias Afonso Arinos de Melo Franco, em livro notável, descreve pela primeira vez, pode, assim reivindicar o glorioso título de haver contribuído, com o seu sangue, para a formação de um dos mais belos talentos da literatura contemporânea.

PRIMEIRA SEPARAÇÃO DA AMIGA

Ilustração de OSVALDO GOELDI

(Especial para "Autores e Ilustradores")



DE REPENTE, DO RISO FEZ-SE PRANTO
SILENCIOSO E BRANCO COMO A BRUMA
E DAS BOCAS UNIDAS FEZ-SE ESPUMA
E DAS MÃOS ESPALMADAS FEZ-SE O ESPANTO.

DE REPENTE DA CALMA FEZ-SE O VENTO
QUE DOS OLHOS DESFEZ A ÚLTIMA CHAMA
E DA PAIXÃO FEZ-SE O PRESENTIMENTO
E DO MOMENTO IMÓVEL FEZ-SE O DRAMA.

DE REPENTE, NÃO MAIS QUE DE REPENTE
FEZ-SE DE TRISTE O QUE SE FEZ AMANTE
E DE SOZINHO O QUE SE FEZ CONTENTE

FEZ-SE DO AMIGO PRÓXIMO O DISTANTE
FEZ-SE DA VIDA UMA AVENTURA ERRANTE
DE REPENTE, NÃO MAIS QUE DE REPENTE.

VINICIUS DE MORAES

1938.